

**Universidade Federal de Santa Catarina**

Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância

**Leland McCleary (USP)**

# **Sociolinguística**



Florianópolis  
2009

## Sumário

Unidade 1. Línguas, dialetos e povos .....	4
1.1 O que a sociolingüística estuda .....	4
1.2 As línguas do mundo .....	6
1.3 A classificação das línguas.....	8
1.4 A distribuição das línguas .....	9
1.5 A morte das línguas .....	10
1.6 Problematizando o conceito de “língua” .....	11
1.7 Regionalismos .....	11
1.8 Dialetos.....	12
1.9 Dialeto, ou língua? .....	13
1.10 Línguas padrão.....	15
1.11 Padronização.....	16
Unidade 2. Línguas em contato.....	18
2.1 Línguas emergenciais.....	18
2.2 Registros simplificados .....	19
2.3 Pidgins.....	20
2.4 Línguas francas .....	21
2.5 Línguas crioulas.....	22
2.6 A crioulização de línguas de sinais.....	24
2.7 Crianças sem língua .....	25
Unidade 3. Bilingüismo.....	27
3.1 O bilingüismo social e o bilingüismo individual .....	27
3.2 O bilingüismo e a bilingüidade .....	28
3.3 Interferência.....	29
3.4 Alternância de códigos.....	30

Unidade 4. A mudança lingüística e seus caminhos .....	31
4.1 A mudança lexical e o crescimento das línguas .....	31
4.2 Neologismos .....	32
4.3 Empréstimos.....	34
4.4 Estrangeirismos .....	35
4.5 O "Purismo" .....	38
4.6 Os caminhos da mudança .....	40
4.7 Mudança de baixo para cima.....	40
4.8 Mudança de cima para baixo.....	41
Unidade 5. Variação lingüística .....	44
5.1 Variações próprias à pessoa .....	44
5.2 Variações próprias à situação.....	45
5.3 Jargões .....	45
5.4 Gêneros textuais.....	46
5.5 Gêneros de fala .....	47
5.6 Registro .....	48
5.7 Diglossia .....	49
5.8 Repertório verbal .....	50
Unidade 6. Os valores da variação .....	53
6.1 A variação e as crenças populares.....	53
6.2 A variação e os estereótipos.....	54
6.3 A variação vista sob o microscópio.....	55
6.4 A mudança lingüística na contra-mão.....	56
6.5 A variação, a solidariedade e a identidade .....	57
Referências Bibliográficas .....	59

# Unidade 1. Línguas, dialetos e povos

## 1.1 O que a sociolingüística estuda

No curso Introdução aos Estudos Lingüísticos, vocês aprenderam que a lingüística faz interfaces com várias outras ciências. Este curso vai tratar da língua em suas relações com a *sociedade*. A disciplina se chama *sociolingüística* porque estuda a língua como um fenômeno *social*.

Quando vocês estudaram Saussure, vocês aprenderam que Saussure acreditava que a língua não pertencia aos indivíduos, mas que era um fenômeno *social*, de todo o grupo. Leiam o que Saussure disse sobre a língua: "Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo [...]; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade".

Vocês podem achar, então, que a sociolingüística teria sido fundada por Saussure. Mas isso não aconteceu. Saussure não estava interessado nas relações entre a língua e a sociedade. Ele estava interessado nas relações *internas* da língua, nas relações entre os *signos lingüísticos*. Para Saussure, a língua é uma complexa estrutura de distinções entre elementos lingüísticos: fonemas, morfemas, e palavras.

Para poder estudar essa estrutura, Saussure precisava imaginar que a língua de uma comunidade fosse uma coisa mais *estável* do que a *fala* de qualquer membro da comunidade. A fala dos indivíduos pode variar, pode até ter "erros", e pode falhar, mas a *língua* é um sistema abstrato de relações, completo e unificado, e não pode ter erros, e nem falhas.

Para manter essa idéia de que a língua era um sistema só, sem variações, ele insistia que a lingüística tinha que estudar a língua parada no tempo. Quer dizer, para ver a ordem dentro da língua, você tinha que tirar uma fotografia dela num instante de tempo. Porque Saussure insistia nesta sincronia? Porque os filólogos, os professores que estudavam as línguas até então, já sabiam que as línguas mudam com o tempo, e que elas sofrem influências umas das outras. Saussure também sabia desses fatos, mas imaginava que essa variação era só uma questão de tempo. Ele acreditava que em qualquer instante, você poderia estudar a língua como ela é naquele instante, sem se preocupar com a variação que aparece na fala das pessoas, e sem se preocupar com a variação que aparece se comparar a mesma língua em épocas diferentes.

Chomsky adotou uma atitude muito parecida. Ele estava interessado em descobrir a estrutura da gramática universal, que ele acreditava ser inata. Ele acreditava que só tinha uma maneira de descobrir a estrutura básica de todas as línguas (a gramática universal): estudar o conhecimento intuitivo que as pessoas têm da sua língua materna. Esse conhecimento ele chamava competência, e acreditava que era estável, diferente da performance de um falante (seu jeito de falar), que pode variar de um momento para outro. Chomsky localiza esse conhecimento no cérebro do indivíduo, e não na sociedade, como Saussure, mas o efeito é o mesmo. Os dois acreditavam que

as línguas eram suficientemente estáveis para permitir que fossem descritas como sistemas perfeitos e invariáveis.

Essas teorias foram muito úteis para investigar as estruturas das línguas. Mas para isso, elas tinham que idealizar a língua, e imaginar uma coisa parada no tempo, que não variava entre um falante e outro, e nem entre uma ocasião de uso e outra. Essa idealização do objeto de estudo é muito comum em todas as ciências.

Mas é importante lembrar que essa visão da língua é uma idealização, e não um fato. Os fatos das línguas apontam para outro conceito: nas línguas, a variação está por toda parte.

O primeiro tipo de variação que notamos é que existem muitas línguas *diferentes* no mundo. A língua não é uma coisa só. Ela pode tomar formas muito diferentes. A grande diferença entre as línguas os antigos filólogos já conheciam. Mas existe também muita variação *dentro de cada língua, o tempo todo*, e essa variação é um fenômeno perfeitamente normal e extremamente útil. Essa variação dentro de cada língua os antigos filólogos quase não reconheciam. Era mais fácil reconhecer variação *entre as línguas* do que variação *dentro das línguas*. Por quê?

Isso acontecia porque antigamente quem estudava as línguas estudava *textos escritos*, tanto das línguas "vivas", como francês ou inglês ou português, quanto de línguas "mortas", como latim, ou grego ou sânscrito. A língua escrita é mais fácil estudar, porque ela fica parada no papel. Você pode ler e reler e voltar a estudar novamente. É assim que descobriram que as línguas mudam através dos séculos: comparavam a forma de escrever em 1800 com a forma de escrever a mesma língua em 1500 e viam que eram diferentes. Mas em cada época, a maneira de usar a língua na escrita era bastante padronizada, comparada com a fala. Os textos eram geralmente escritos por *homens adultos cultos das classes mais favorecidas*, e geralmente sobre determinados assuntos. Os textos não retratavam a variedade de usos que as pessoas comuns faziam da língua no seu dia-a-dia.<sup>1</sup>

Era muito difícil estudar a língua como ela é usada na forma falada, no uso de todo dia, porque ela não é fixa. Ela some da memória em poucos instantes. É quase impossível lembrar *exatamente* como uma coisa foi dita. Nós lembramos *o sentido*, mas não *exatamente a forma*. Isso só começou a mudar a partir da invenção do gravador (e depois, da filmadora). Hoje em dia é fácil gravar a língua em uso e ter um *registro* que pode ser estudado com tanto cuidado e rigor quanto qualquer texto escrito. A sociolinguística e o estudo da variação linguística dependem da tecnologia de gravação.

Outro motivo de reconhecer mais facilmente a variação *entre as línguas* do que a variação *dentro das línguas* é que as *variações entre as línguas* podem ser *muito grandes*. Duas línguas podem parecer *completamente diferentes* uma da

---

<sup>1</sup> Existem importantes exceções. O livro *Os Contos da Cantuária*, escrito em inglês no século XIV, imita regionalismos e particularidades da fala dos contadores de histórias.

outra. Diferentemente, a variação *dentro de uma mesma língua* pode ser mais sutil, e pode passar *despercebida*. Muitas vezes, *nem notamos* as variações. Ou melhor: notamos as variações *inconscientemente*, mas não conscientemente!

A sociolingüística estuda a língua em toda a sua variedade. Ela considera a variação lingüística um fato que deve ser explicado: Quais são as formas de variação? Quais são as causas da variação? Quais são as funções de tanta variação nas línguas? Qual é a relação entre essa variedade e o uso social que é feito da língua?

## **1.2 As línguas do mundo**

Quando falamos da teoria lingüística, falamos em "**língua**" (no singular). A teoria lingüística procura investigar o que todas as línguas têm em comum, e quais são os princípios de estrutura que regem todas elas. Na sociolingüística, também falamos em "língua" como um fenômeno comum a todos os grupos humanos, mas logo notamos que um dos fatos mais evidentes é que existem muitas "**línguas**" (no *plural*), e que essas línguas podem ser muito diferentes umas das outras.

Falei acima de uma relação que existe entre "língua" e "grupo". O fato de uma língua ser associada a um grupo humano é o fato que levou Saussure a concluir que língua é um fenômeno *social*. Será verdade, então, que cada grupo humano tem uma língua? Podemos concluir que existem tantas línguas no mundo quantos grupos humanos?

Talvez. Mas como definir um "grupo"? É uma "cultura"? Uma "etnia"? Uma "tribo"? Uma "nação"? É difícil dizer!

Para Saussure e para a maioria dos filólogos do século XIX, "línguas" eram associadas a "nações" ou "civilizações". Isso aconteceu porque eles dependiam muito dos textos escritos para estudar as línguas, como já vimos, e acreditavam que só os povos com escrita podiam desenvolver as "grandes civilizações": Egito, Índia Antiga, Grécia, Roma, e mais recentemente, Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, Portugal. Eles quase não conheciam línguas sem escrita, e, se conheciam, as desprezavam. Quando os exploradores e colonizadores chegavam em terras "novas" e encontravam os habitantes indígenas, os Europeus julgavam os povos encontrados como não-civilizados – ou até sub-humanos – e, portanto, incapazes de ter uma língua, ou pelo menos uma língua tão perfeita quanto as línguas das grandes civilizações.

Isso é tanto verdade que, quando pensamos nas "línguas do mundo", pensamos em quê? Provavelmente pensamos no português, inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, chinês, árabe, hebraico, e assim por diante, ou seja, nas *grandes* línguas do mundo, que correspondem aos impérios do passado. E as outras?

Hoje, depois de um século de estudos de culturas ágrafas (sem escrita). Sabemos que todos os grupos humanos, por menos "civilizados" que sejam, têm línguas tão complexas e sofisticadas quanto qualquer grande civilização.

Pensando nisso, responda à seguinte questão: Quantas línguas existem no mundo?

Vamos começar com as nações. A Organização das Nações Unidas (ONU) tem 192 "estados membros".<sup>2</sup> Uma lista mais completa de países contém 228 países.<sup>3</sup> Então será que existem mais ou menos 228 línguas?

Por um lado, vários países têm como língua nacional a *mesma* língua: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, por exemplo; ou Inglaterra, Estados Unidos, Austrália e Canadá, para dar outro exemplo. E quantos países têm espanhol como uma das suas línguas principais? Mais de vinte!

Por outro lado, a maioria dos países do mundo tem *mais de uma língua*. O Brasil, por exemplo, tem mais ou menos 200 línguas, incluindo as línguas dos imigrantes. A República Democrática do Congo, com um quarto da população do Brasil, tem por volta de 220 línguas. A Austrália, com 10% da população do Brasil, tem por volta de 280 línguas. A Índia, com seis vezes a população do Brasil, tem mais de 400 línguas. A Indonésia, com uma população 30% maior do que o Brasil tem mais de 740 línguas. Papua-Nova Guiné, um país do Pacífico com apenas 2% da população do Brasil, tem 820 línguas.

Então, quantas línguas será que existem no mundo? 2.000? 4.000? 10.000? De acordo com o *Ethnologue*, um catálogo das línguas do mundo existe mais de 6.900 línguas catalogadas.

Voltamos então à questão dos grupos humanos. Certamente os grupos identificados primariamente com suas línguas não são os países ou as nações. Mas até o *Ethnologue* faz essa associação, mesmo sabendo que uma língua não pertence exclusivamente a um país! Lá, se diz: "Inglês: uma língua do Reino Unido"; "Português: uma língua de Portugal"; "Espanhol: uma língua da Espanha". Por quê essa associação é tão forte? Com a criação das nações modernas, houve um esforço político muito grande para estabelecer *uma* língua como a "língua da nação" (e esse esforço continua até hoje).

Outra idéia atraente para associar línguas aos grupos humanos é a de associar cada língua com uma tribo ou cultura ou povo. Muitas línguas são chamadas com o nome do povo que as falam. Mas, como veremos mais adiante, os povos também não vivem em isolamento em relação a outros povos, e a relação de uma língua com um povo acaba não sendo uma relação simples.

---

<sup>2</sup> Para ver uma lista dos membros das Nações Unidas, ver: <http://www.un.org/spanish/aboutun/unmember.htm>.

<sup>3</sup> O *Ethnologue*, [http://www.ethnologue.com/country\\_index.asp?place=all](http://www.ethnologue.com/country_index.asp?place=all).

Os grupos associados ao uso de línguas são menores (ou maiores!) do que uma nação, e não correspondem exatamente nem a tribos, nem a culturas, nem a etnias. Na sociolingüística, chamamos esses grupos de *comunidades lingüísticas*.

### 1.3 A classificação das línguas

Essas milhares de línguas do mundo podem ser agrupadas em *famílias* de línguas que têm aspectos (vocabulário, fonologia, morfologia, sintaxe) em comum. Essas semelhanças devem mostrar a relação "genética" que existe entre línguas que têm uma continuidade através do tempo.

Você pode entender melhor a idéia dessa relação "genética" se considerar como o latim, a língua do império romano, com o tempo mudou nas várias regiões do império até se tornar as línguas faladas hoje: o italiano, o francês, o espanhol, o português. Todas essas línguas são derivadas do latim, e são chamadas *línguas românicas*. Podemos dizer que fazem parte da mesma *família* de línguas. As línguas de uma mesma família têm mais semelhança entre si do que elas têm com línguas de uma outra família. Outra família de línguas bem conhecida da Europa é a das línguas *germânicas* (alemão, holandês, inglês). Comparem na tabela abaixo essas duas famílias de línguas.

Românicas	Português	casa	cavalo	ovo	dez
	Italiano	casa	cavallo	uovo	dieci
Germânicas	Holandês	huis	ros	ei	tien
	Inglês	house	horse	egg	ten

Outras famílias de línguas européias são as eslavas (russo, polonês, croata) e as celtas (irlandês, galês, gaélico escocês). Desde o século XVII, os filólogos já sabiam que todas essas famílias pertenciam à mesma grande família e imaginavam que todas tivessem descendido de um língua ancestral comum, já perdida no tempo. Isso significa que, se línguas como espanhol, francês, italiano e português são *línguas irmãs* (porque todas são descendentes do latim), então elas também são *primas* das línguas germânicas, das línguas eslavas e das línguas celtas, e até da língua persa, a língua falada no Iran!. No século XVIII, descobriu-se que o sânscrito, a língua antiga da Índia, também pertencia a essa mesma grande família, por ter semelhanças com o latim e o grego. Por isso, essa grande família de línguas chama-se *indo-européia*. Vejam o quadro comparativo:

Sânscrito	pita ( <i>pai</i> )	bhratar ( <i>irmão</i> )	padam ( <i>pé</i> )
Grego	pater	phrater	poda
Latim	pater	frater	pedem

Vejam uma "árvore genealógica" simplificada da família indo-européia, que mostra algumas das línguas mais bem conhecidas. Reparem que no quadro não aparecem línguas como: chinês, japonês, árabe, hebraico, as línguas africanas e as línguas indígenas das Américas. Essas línguas pertencem a outras grandes famílias. Ao todo existem de dez a vinte grandes famílias de línguas, dependendo do esquema de classificação.<sup>4</sup>

### Algumas línguas da grande família indo-européia

*Grande Família:* Indo-Europeu

*Família:* línguas germânicas

*Línguas:* alemão, dinamarquês, holandês, inglês, norueguês, sueco

*Família:* línguas românicas

*Línguas:* catalão, espanhol, francês, italiano, português

*Família:* línguas célticas

*Línguas:* irlandês, gaélico escocês, galês, bretão

*Família:* línguas helênicas

*Línguas:* grego

*Família:* línguas eslávicas

*Línguas:* croata, polonês, russo, tcheco

*Família:* línguas indo-arianas

*Línguas:* bengali, hindi, nepali

#### 1.4 A distribuição das línguas

Já comentamos que as línguas mais conhecidas são associadas com grandes civilizações ou impérios. Isso aponta para dois fatos centrais para a sociolinguística: o primeiro é a grande desigualdade *demográfica* das línguas, e o segundo é a relação estreita entre o *poder político* de um grupo e o número de falantes da sua língua.

A desigualdade demográfica das línguas pode ser ilustrada com algumas poucas estatísticas. Os falantes de apenas *uma* língua, o chinês mandarim, somam quase um *bilhão* de pessoas (quase 15% da população do mundo).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Para uma árvore mais completa da família indo-européia, ver <[http://www.ethnologue.com/show\\_family.asp?subid=90017](http://www.ethnologue.com/show_family.asp?subid=90017)>. Para um mapa-múndi das famílias, ver <[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b4/Human\\_Language\\_Families\\_%28wikicolors%29.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b4/Human_Language_Families_%28wikicolors%29.png)> Para uma lista das famílias de línguas indígenas brasileiras, ver <<http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s/classif.htm>>.

<sup>5</sup> Todas as estimativas de população são apenas aproximadas, porque a população mundial está crescendo muito rapidamente! Quando eu estava no colégio (1960), a população mundial era de 3 bilhões. No ano 2000, já tinha dobrado para 6 bilhões. Nos últimos sete anos, cresceu mais 700 milhões! As estimativas do número de falantes das línguas variam muito e dependem de vários fatores, como: quando a estimativa foi feita, quais variedades de cada língua foram consideradas, se inclui ou não falantes da língua como segunda língua, etc.

Se acrescentarmos as próximas 7 línguas mais faladas no mundo (inglês, espanhol, hindi/urdu, árabe, russo, bengali, português), chega-se a uma porcentagem entre 40 e 45% da população mundial. Se esses 45% da população falam 8 línguas, os próximos 50% falam outras 300 línguas; e os últimos 5% falam as mais de 6.000 línguas restantes.

Isso mostra a grande desigualdade de distribuição das línguas. Enquanto uma língua (chinês mandarim) é falada por quase 1 bilhão de pessoas, existem centenas de línguas que são faladas por menos de 1000 pessoas, ou 100 pessoas, ou mesmo 10 pessoas.

Isso nem sempre foi assim. Antigamente havia muito *mais* línguas no mundo, apesar de a população ser menor. Cada local, cada grupo, tinha sua língua. A hegemonia das "grandes línguas" começou com a tecnologia da escrita e o estabelecimento das civilizações que dominavam grandes áreas geográficas e impunham suas línguas. Só no Brasil, estima-se que na época do descobrimento havia por volta de 1.175 línguas indígenas. Hoje há pouco mais de 180. Isso quer dizer que, nos últimos 500 anos, com a dominação da civilização europeia no Brasil, 1.000 línguas foram perdidas. Ainda hoje dezenas de línguas indígenas brasileiras estão ameaçadas de extinção.

### **1.5 A morte das línguas**

Vimos um exemplo de um fenômeno comum: uma língua (como o latim), quando se espalha por uma grande região geográfica (como a Europa), acaba com o tempo desdobrando-se em novas línguas que não existiam antes (como o francês, o espanhol, o italiano). Esse é um dos processos de formação de novas línguas.

Mas podemos imaginar que, para cada língua que "nasceu" na Europa a partir do latim, dezenas de línguas "morreram". As pessoas que antes falavam outras línguas acabaram falando uma forma do latim que hoje chamamos espanhol, francês, português, etc. Por exemplo, no tempo do império romano, toda a região do oeste da Europa (norte da Itália, Suíça, parte da Alemanha, França, Bélgica) era chamada Gália pelos romanos. Nessa região, falavam-se várias línguas celtas. Os gauleses resistiram à invasão romana (lembrem-se das aventuras do Asterix!), mas no fim foram dominados, e todas as línguas celtas que eles falavam desapareceram.

A mesma coisa aconteceu nas Ilhas Britânicas, quando foram invadidas pelas tribos germânicas a partir do século V. Os povos germânicos massacraram e afugentaram os povos celtas que habitavam a ilha. A língua que resultou da invasão e conquista foi a língua inglesa (uma língua germânica), mas a custo da perda das línguas celtas nativas da ilha. Hoje só restam línguas celtas nas margens da Inglaterra, no norte da Escócia, na Irlanda e no País de Gales.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Alguns celtas que escaparam dos invasores germânicos fugiram para o oeste da França, onde ainda existe o bretão, outra língua celta que sobreviveu.

A parte ocidental (a oeste) da península ibérica também foi colonizada por gauleses, povos de língua celta. É por isso que Portugal se chama *porto-gal* (porto gaulês), e que a língua falada na parte da Espanha que fica bem ao norte de Portugal se chama *galego*. Mas o português e o galego são línguas *românicas*, e não línguas celtas. As línguas dos antigos povos celtas desapareceram.

Então vimos que algumas línguas crescem a custo de outras. As pessoas, numa região em que duas ou mais línguas são usadas, muitas vezes acabam optando pela língua que tem mais prestígio, que é usada pelo poder, e que pode trazer mais benefícios. Quando deixam de usar uma língua, e quando os últimos falantes daquela língua morrem, a língua também morre. Se a língua é escrita, ainda podemos saber algo sobre ela, mas a maioria das línguas não tem escrita e, quando morrem, desaparecem para sempre.

A morte de línguas continua acontecendo. Alguns lingüistas estimam que, nos próximos 50 anos, 50% das línguas que existem hoje – 3500 dos quase 7000 línguas – vão morrer. O *Ethnologue* lista 516 línguas no mundo já *quase* extintas. A maioria delas tem menos de 50 falantes. Veja a lista de línguas quase extintas para ver o número de pessoas que ainda falam essas línguas. Repare quantas línguas *brasileiras* estão nessa lista! Lingüistas no Brasil incluem até mais línguas brasileiras ameaçadas de morte.<sup>7</sup>

As línguas de sinais do mundo não são exceções. Um artigo recente traz estatísticas que mostram que a população de surdos natos na Austrália está diminuindo.<sup>8</sup> Com o controle genético, com o melhor controle da rubéola, com o implante coclear e com a política da inclusão, entre outros fatores, a comunidade surda australiana pode diminuir a ponto de ser difícil manter a língua de sinais australiana, dentro de algumas décadas.

### **1.6 Problematizando o conceito de “língua”**

Até agora, temos falado de *línguas* como se não houvesse problema nenhum em identificar o que é uma língua, ou como distinguir uma língua de outra. Mas isso não é verdade. É uma outra *idealização*. E como nós vamos ver, essa idealização tem uma base mais *política* do que *científica*.

### **1.7 Regionalismos**

Já vimos muitos exemplos de variação regional. No curso de Introdução aos Estudos Lingüísticos vocês compararam sinais icônicos de várias regiões do Brasil. No curso de Fonética e Fonologia, vocês viram como as pessoas reconhecem "sotaques", ou pronúncias diferentes, na fala de pessoas de outras regiões do mesmo país. Quando as diferenças entre o jeito de falar de uma região e outra são poucas, podemos chamar essas variedades de

---

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, <[http://www.ethnologue.com/nearly\\_extinct.asp](http://www.ethnologue.com/nearly_extinct.asp)>.

<sup>8</sup> Trevor Johnston, W(h)ither the deaf community: Population, genetics, and the future of Australian Sign Language, *Sign Language Studies*, v. 6, n. 2, 2006.

"falares". Quando as diferenças são numerosas e sistemáticas, e atingem não só a pronúncia e o léxico, mas também a gramática, podemos chamar as variedades regionais de "dialetos".

### 1.8 Dialectos

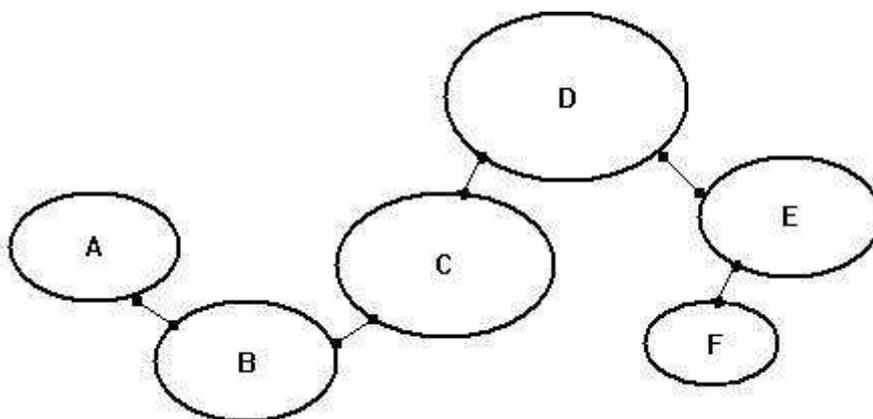
A palavra "dialeto" é uma palavra problemática para a lingüística. Ela é usada popularmente para designar uma *língua de segunda classe*, uma espécie de *sub-língua*. Quando ouvimos que uma pessoa "fala dialeto", quer dizer que a pessoa "não sabe falar corretamente", ou que fala uma versão da língua meio esquisita, da região rural, típica de pessoas que não foram à escola. Esse uso popular da palavra "dialeto" é pejorativo.

A sociolingüística não usa a palavra "dialeto" nesse sentido pejorativo. Para a sociolingüística, "dialeto" quer dizer, simplesmente, *uma variação regional*. É importante notar que o uso técnico da palavra quer dizer uma *variação regional*, e não outros tipos de variação, que têm outros nomes.

Mas, mesmo assim, mesmo com essa definição técnica, e mesmo para a sociolingüística, é difícil definir exatamente o que é um *dialeto*.

O problema é: Qual é o grau de diferença que um "falar" de alguma região precisa ter para ser considerado um "dialeto"? Qualquer diferença de pronúncia marca um *dialeto* diferente? Essa pergunta não tem uma resposta simples. Os lingüistas podem ter opiniões diferentes sobre se um "falar" diferente deve ser considerado um "dialeto" ou não.

O que é muito comum é que as diferenças entre os falares numa grande região formam uma *continuidade dialetal*. Veja na figura abaixo:

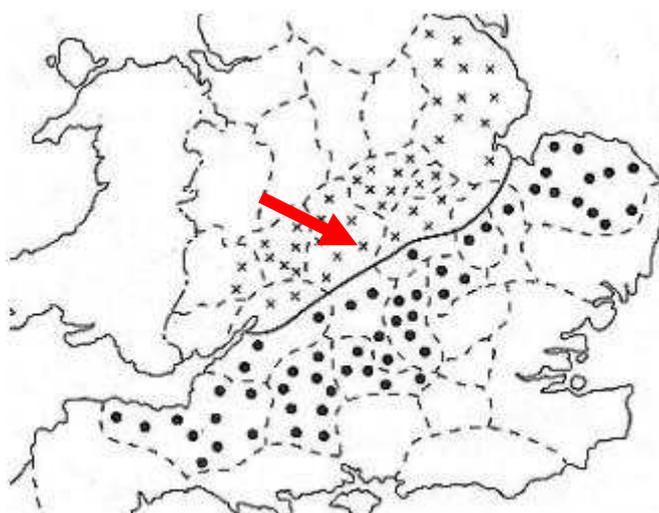


Nessa figura, as áreas **A**, **B**, **C**, **D**, **E** e **F** representam áreas geográficas próximas, da mesma grande região. **A** está próxima a **B**, e **C** está entre **B** e **D**. No entanto, **A** é distante de **E** e de **F**. Numa continuidade dialetal, quem mora na área **A** pode se comunicar perfeitamente com pessoas que moram na área **B**. As pessoas que moram na área **B** podem se comunicar com pessoas de **A** ou de **C**, mas já fica mais difícil para eles se comunicarem com pessoas vindas de **D** e **E**. As pessoas que moram na área **D** podem se comunicar tranquilamente com pessoas de **C** ou de **E**, mas têm mais dificuldade quando

encontram uma pessoa de **B** ou **F**. E assim por diante. As diferenças entre cada área próxima são pequenas, mas, com a distância, as diferenças acumulam, até apresentar barreiras à comunicação.

No exemplo imaginário, pode parecer que as pessoas na área **A** e as pessoas na área **F** devem falar *dialetos* diferentes. Mas o problema para o lingüista é: Onde é que o dialeto falado na área **A** termina, e o dialeto falado na área **F** começa? Como parece ser uma *continuidade*, não existe nenhum lugar específico para marcar a divisão.

Esses problemas são tratados pelos lingüistas da seguinte forma. Eles *mapeiam* diferenças de pronúncia ou de vocabulário (ou de elementos gramaticais) num mapa, para ver se as diferenças se concentram em regiões específicas, e se aparecem *linhas divisórias* entre uma região e a outra. Essas linhas divisórias entre as diferenças são chamadas "*isoglosas*". Veja no mapa abaixo:



Nessa figura, a linha sólida indicada pela seta vermelha divide a região de cima, onde se tem uma pronúncia, da região de baixo, onde se tem outra pronúncia do mesmo fonema.<sup>9</sup> As cruzinhas de cima e as bolinhas pretas de baixo indicam os locais onde foram colhidos os dados dos falantes. Esse mapa mostra uma isoglosa muito bem comportada! Se essa isoglosa corresponder (mais ou menos) a várias outras isoglosas, representando outras diferenças fonológicas ou lexicais, é evidência de que se trata de dois *dialetos* diferentes, nas regiões demarcadas pela linha.

### 1.9 Dialeto, ou língua?

É comum ouvir expressões como "Eles falam um dialeto *do alemão*". O que isso significa é que um *dialeto* é sempre subordinado a uma outra variedade lingüística chamada *língua*. Ou em outras palavras: uma língua tem

---

<sup>9</sup> Mapa adaptado de John Laver (1994), *Principles of phonetics* (Cambridge).

*autonomia*, ou seja, ela tem valor por si só; mas um dialeto não tem autonomia, isto é, seu valor é sempre medido em relação a outra coisa.

É importante entender que "autonomia" não é um fato *lingüístico*. É um fato *social*. A "autonomia" de uma língua é resultado das *atitudes* que as pessoas têm em relação à língua. É uma crença. E essa crença pode mudar. Quando um dialeto começa a ter autonomia (na imaginação popular), ele deixa de ser um dialeto e começa a ser considerado uma língua.

Mas não existe nenhuma definição *lingüística* que possa distinguir um dialeto de uma língua? Se um lingüista descobre uma nova variedade lingüística, ele vai poder determinar se ela deve ser considerada um *dialeto* ou uma *língua*?

Não. Só analisando a estrutura da língua em si, não. Os dialetos são idênticos às línguas, do ponto de vista lingüístico. Eles têm tudo o que as línguas têm. Não são menores ou mais simples ou menos perfeitos. Os dialetos, do ponto de vista lingüístico, são *línguas*. Mas do ponto de vista da sociolingüística, são línguas que não atingiram a *autonomia* na imaginação popular.

Então, se um lingüista descobre uma nova variedade lingüística, primeiro, ele vai ter que ver se é parecida com outras línguas conhecidas (provavelmente na mesma região). Mas, e se ele descobre que existem muitas outras línguas parecidas? Será que isso vai ser prova de que a nova variedade é um dialeto? Não. O lingüista vai ter que descobrir o que os falantes *pensam* sobre o que eles falam, e o que os falantes das outras línguas parecidas pensam. Ser *língua* ou *dialeto* depende da opinião popular (*ou* oficial).

Mas será que não existe uma regra dizendo que se duas variedades são mutuamente inteligíveis, são dialetos, e se *não* são mutuamente inteligíveis, então, são línguas diferentes?

Essa regra funciona em muitos casos, mas não em muitos outros. Alguns exemplos:

O português e o galego são considerados duas línguas diferentes (principalmente por alguns galegos!), mas são mutuamente inteligíveis. O galego é classificado como dialeto do português no *Ethnologue* (e assim considerado pela maioria dos lingüistas de língua portuguesa). Veja uma página escrita em galego, e diga se não dá para entender quase tudo (tem que trocar o "x" por "j" ou "g"): <<http://gl.wikipedia.org/wiki/Galicia>>.

O chinês mandarim e o cantonês, muitas vezes, são chamados *dialeto do chinês*, e os dois têm a mesma escrita. No entanto, têm estruturas fonológicas diferentes e são mutuamente *ininteligíveis*. Para os lingüistas, são línguas distintas. (Mas também existem outras variedades do chinês, que os lingüistas classificam de dialetos *do mandarim*, mas que os próprios falantes classificam como outra língua!).

A língua sérvia e a língua croata (línguas eslavas faladas no sudeste da Europa) são mutuamente inteligíveis e são consideradas pelos lingüistas como variantes da mesma língua. Mas os falantes das línguas têm tradições

culturais diferentes e *insistem* que se trata de duas línguas diferentes. A maior diferença está na escrita. As duas línguas têm ortografias diferentes. Para mostrar como são próximas, durante a unificação da Iugoslávia, as línguas sérvia e croata foram combinadas numa única língua, *servocroata*.

O português brasileiro e o português europeu são considerados dialetos do português, e na escrita são quase idênticos. Mas o brasileiro que não está acostumado a ouvir o português europeu vai ter muita dificuldade de entender alguém falando fluentemente. Os lingüistas consideram que atualmente as duas variedades são tão diferentes que constituem dois sistemas lingüísticos distintos, ou seja, que são duas *línguas* diferentes.

A libras é um dialeto da ASL (língua de sinais americana)? É um dialeto da língua de sinais francesa? Qual é o grau de inteligibilidade entre as três? Historicamente, a libras e a ASL são línguas irmãs (duas "filhas" da língua de sinais francesa), mas cada uma tem sua *autonomia* e, portanto, são consideradas línguas diferentes.

### 1.10 Línguas padrão

Existe um outro aspecto da distinção entre dialeto e língua que ainda não mencionamos. Falamos que cada dialeto é uma língua, do ponto de vista lingüístico (mas não necessariamente do ponto de vista político ou social), porque cada dialeto é completo, como qualquer outra língua. Mas isso também significa que cada língua é um dialeto?

A resposta a essa pergunta é bem complicada. A resposta é: Sim e não!

Quando se diz "Os Beatles falam *scouse*, um dialeto do inglês"<sup>10</sup>, estamos comparando a fala dos Beatles com o quê? Nessa sentença, a palavra "inglês" não quer dizer todo o conjunto de dialetos relacionados com "inglês" que existem no mundo. Isso seria uma interpretação bem "lingüística". Para um lingüista, os Beatles falam *um* dos muitos dialetos do inglês, o dialeto chamado "scouse". Mas, popularmente, o que queremos dizer com essa sentença é que os Beatles *não falam o inglês padrão*.

O inglês *padrão* é uma variedade do inglês, como o alemão padrão é uma variedade, entre muitas outras, do alemão, e o italiano padrão é uma das muitas variedades do italiano. Isso, do ponto de vista do lingüista. Mas do ponto de vista *popular* (e político), o inglês padrão **é** o inglês, o alemão padrão **é** o alemão, e o italiano padrão **é** o italiano. As outras variedades – os dialetos – são apenas "dialetos". É por isso que a palavra "dialeto" tem um sentido pejorativo. Nesse sentido popular, um "dialeto" nunca é tão bom (socialmente) quanto a língua padrão. Falar um "dialeto", e não **a língua** (quer dizer, a língua **padrão**), é uma espécie de deficiência da pessoa.

---

<sup>10</sup> Scouse é o dialeto da cidade de Liverpool, onde os Beatles nasceram e cresceram. Os Beatles foram uma banda de rock dos anos 1960, que fez muito sucesso na época e que é conhecida e admirada até hoje.

Quando vamos para uma escola aprender inglês, não queremos aprender *qualquer dialeto* do inglês. Queremos aprender sempre o inglês *padrão*. Um americano nos Estados Unidos querendo aprender o português vai querer aprender o português *padrão*. Não vai querer aprender o *caipira*, um dialeto do interior de São Paulo.

Quando nós falamos do inglês, do alemão, do japonês, do espanhol, do português, estamos sempre pensando num *padrão* daquela língua, estamos pensando numa variedade específica. Não estamos pensando (como o linguísta pode pensar), em *todas* as variedades e *todos* os dialetos daquelas línguas.

Do ponto de vista lingüístico, todas as variedades de uma língua têm o mesmo valor; não existe uma variedade "melhor" que outra. Mas do ponto de vista político e social, *uma* variedade é considerada a melhor: a variedade *padrão*.

Mas se essa variedade padrão é uma das variedades, por que ela também não pode ser chamada *dialeto*? Basicamente não se costuma chamar a variedade padrão "dialeto" porque dialeto quer dizer uma variedade *regional*. A variedade *padrão* não é mais restrita a uma região. Ela representa *todo um país*. As pessoas que vivem nas várias regiões de um país podem falar dialetos diferentes, mas quando ouvem a variedade padrão, elas sentem que aquilo também *pertence a elas*.

### **1.11 Padronização**

De onde vem a variedade *padrão* de uma língua? O mais comum é que o padrão seja, no início, uma das variedades regionais de uma língua. Essa variedade, com o tempo, torna-se o padrão e perde sua identificação exclusiva com aquela região de origem. Ela começa a ter valor de destaque em outras regiões também. Mas por que isso acontece?

Os detalhes históricos de cada caso podem mudar, mas – em geral – o que determina que uma variedade, e não outra, torne-se o padrão é a importância econômica, política e cultural do local onde ela é usada. Esse processo pode ser um processo relativamente "natural", por meio da influência que o centro do poder tem sobre as outras regiões, ou pode também contar com uma ação política específica ou com uma produção cultural específica gerada pelo centro de poder. Qualquer que seja o meio – "natural" ou intencional – esse processo de formação de uma língua padrão se chama *padronização*. Um dialeto torna-se uma língua padrão por meio do processo de padronização.

Alguns dos agentes de padronização são:

- O estabelecimento da variedade como "língua oficial"
- O uso da variedade em todos os documentos oficiais
- O estabelecimento da variedade como a língua para a educação
- A publicação de materiais didáticos na variedade
- A publicação de gramáticas normativas baseadas na variedade
- A publicação de dicionários baseados na variedade
- O uso da variedade em revistas e jornais
- O uso da variedade nos meios de comunicação (TV, rádio)

O uso da variedade na literatura  
Propaganda sobre as "virtudes" da variedade

Não é necessário que *todos* esses meios sejam usados. Cada um contribui um pouco. O que se nota é que alguns dependem do poder político, e outros dependem do poder econômico (publicação, meios de comunicação).

Como se pode ver na lista de "agentes de padronização", muitos dos agentes apóiam-se na escrita; por exemplo, o uso da variedade nas escolas e seu uso para a produção de obras didáticas, literárias e de consumo popular. A escrita – e a impressão tipográfica – são as tecnologias que mais têm promovido a padronização de línguas e a dominância cultural de um centro de poder sobre outras regiões.

A escrita é importante por poder fixar uma variedade no papel. A impressão tipográfica é importante por facilitar a disseminação da escrita por grandes distâncias.

Como é fácil de entender, chegamos bem no centro do terreno da sociolinguística, onde os fatos da língua se misturam com fatos sociais, onde não há fatos lingüísticos que dizem exclusivamente respeito à estrutura interna das línguas, mas onde tudo tem uma causa ou um efeito na sociedade.

## Unidade 2. Línguas em contato

Até agora, nós vimos como as línguas do mundo são muito variadas, como elas são relacionadas entre si em famílias, e como dentro da "mesma língua" pode haver grandes variações de um lugar para outro.

Nas Unidades 2 e 3, nós vamos estudar o que acontece quando línguas diferentes entram em contato umas com as outras. Dizer que línguas "entram em contato" é ambíguo, porque isso pode significar duas coisas diferentes: o contato pode ser *entre pessoas* que falam línguas diferentes; ou o contato pode ser de duas (ou mais) línguas *dentro da mesma pessoa*. Vamos estudar esses dois tipos de contato.

### 2.1 Línguas emergenciais

Começamos com casos de contato precário, em que as pessoas precisam se comunicar apesar das diferenças lingüísticas. Isso mostra dois tipos de recurso comunicativo que as pessoas têm. O primeiro recurso é a capacidade de *simplificar* a linguagem para estabelecer a comunicação. O outro recurso é a capacidade (que as crianças têm) de *elaborar* uma língua completa e gramatical a partir da fala incompleta e agramatical das pessoas ao seu redor.

A palavra "emergência" tem dois sentidos, e os dois sentidos são apropriados para o assunto que vamos estudar. Uma "emergência" é um estado de crise. Quando temos uma emergência, chamamos o resgate. Mas "emergir" também quer dizer "aparecer". Então, uma língua "emergencial" é uma língua que é usada em momentos de crise lingüística, mas também é uma língua que "emerge", isto é, uma língua que aparece em certas circunstâncias. Nós vamos ver quais são essas circunstâncias, e como são essas "línguas emergenciais".

Sabemos que as línguas naturais são bem complexas. É impossível que os falantes de uma língua conheçam *toda* a língua. Nenhum ouvinte brasileiro, por exemplo, conhece *todas* as palavras do português. E nenhum surdo brasileiro conhece *todos* os sinais da libras. Sempre, em qualquer comunidade lingüística, algumas pessoas sabem melhor que outras como usar a gramática e as palavras exatas para falar de uma maneira mais bonita ou mais precisa ou mais persuasiva. Sempre podemos aprender mais sobre a nossa própria língua. Vivemos comentando sobre as palavras e os sinais, o que eles significam exatamente, e como podem ser usados. Ninguém sozinho é dono da língua.

Mas vamos pensar em algumas situações em que não adianta saber tudo o que sabemos da nossa língua. Às vezes, para nos comunicarmos com alguém, não adianta saber muitas palavras ou entender bem como usar a gramática da língua. São casos em que estamos tentando nos comunicar com alguém *que não conhece nossa língua*.

## 2.2 Registros simplificados

Quais situações são essas? Em primeiro lugar, temos a situação de uma mãe falando com seu bebê. A mãe sabe falar português, mas o bebê não. No início, a mãe fala com o bebê de um jeito normal, como se estivesse falando com qualquer adulto; mas assim que o bebê começa a balbuciar e parecer que está tentando se comunicar, aí a mãe *muda* o jeito de falar. A mãe começa a falar mais devagar, mais bem pronunciado, a usar uma entoação mais exagerada, a usar palavras mais comuns e mais simples, a usar frases mais curtas, a falar de coisas imediatamente visíveis para o bebê, a repetir várias vezes a mesma coisa, a pausar mais entre as frases, a olhar diretamente para o bebê na hora de falar. Podemos chamar essa maneira de falar "*maternês*" (a fala das mães).

Por que todas as mães fazem isso? É completamente natural. Não achamos nada de estranho nisso! O pai chega em casa e também começa a falar com o bebê de forma completamente diferente. Os amigos chegam e, quando falam com a gente, falam normalmente, mas quando eles falam *com o bebê*, mudam tudo. Por que isso acontece?

Essa é uma longa história. Ainda não sabemos se essa maneira de falar das mães para seus filhos ajuda os filhos a aprender a língua. Mas sabemos que ajuda a manter a comunicação. Sabemos que ajuda a chamar a atenção do bebê e a dirigir a atenção dele para objetos no ambiente. Ajuda na interação com a criança. Sabemos que a criança ainda não sabe muita coisa sobre o mundo, e também não sabe quase nada da língua, mas, mesmo assim, estamos usando a nossa língua para nos comunicar com esse novo "estranho" na nossa comunidade. Usamos essa forma *simplificada* de falar por causa do nível de conhecimento do bebê. Mas temos muita consciência de que isso é apenas uma *fase*, e que o bebê, com o tempo, vai começar a usar mais e mais a língua. À medida que a criança vai aprendendo a língua, vamos deixar o *maternês* de lado, e vamos começar a falar com a criança de forma mais adulta.

Mas falar com criança igual a adulto, ainda não! Isso é um fato muito bem conhecido sobre a fala de professores de crianças pequenas. Eles também modificam o jeito de falar com as crianças. Também falam mais devagar, pronunciam as palavras com mais cuidado, usam estruturas sintáticas mais simples, repetem mais, e fazem mais perguntas (e não porque não sabem as respostas! Eles fazem perguntas como uma maneira de criar um diálogo com a criança). Essa forma de falar também tem nome: chama-se *professorês*. Isso acontece em muitas culturas. Aqueles de vocês que dão aula para crianças surdas também devem modificar a libras que vocês usam com as crianças, é só reparar.

Mas não precisa ser professor de crianças para modificar a fala. Qualquer professor faz isso, automaticamente, porque quer ser compreendido e porque está falando para uma classe cheia de alunos, em que pode haver barulhos e distrações. Então o professor fala mais alto, fala mais devagar, escolhe mais bem as palavras, simplifica as sentenças, se repete mais, faz mais perguntas. Um político falando para uma multidão também modifica o jeito de falar, usando

algumas das mesmas técnicas: fala em frases mais curtas, fala mais devagar, repete mais, faz perguntas que ele mesmo responde.

Outra situação em que modificamos nossa fala é quando tentamos conversar com *estrangeiros* que não conhecem a nossa língua. Essa maneira de falar é chamada *estrangeirês*. Para surdos sinalizados que vivem cercados de ouvintes que não sabem usar sinais, essa é uma experiência diária! Todo dia vocês enfrentam situações de comunicação difícil entre pessoas que falam línguas diferentes. Com essas pessoas, você tem todo um arsenal de recursos para contornar o problema de comunicação. Você pode usar alguns sinais mais icônicos, você usa mímica, você repete mais, você usa gestos maiores, você acompanha tudo com a oralização dos nomes e dos verbos em português ao mesmo tempo, você muda a estrutura das frases para aproximá-las mais da estrutura do português. E tudo para aumentar as chances de se comunicar, minimamente. E o que faz o seu interlocutor ouvinte? Ele também simplifica o português, provavelmente ele fala em voz mais *alta*, pronuncia com mais cuidado, repete mais, usa mais gestos, e também elimina muitas palavras gramaticais do português, falando só os nomes e os verbos e algumas preposições e adjetivos. O português dele também muda completamente.

Todas essas maneiras simplificadas (e menos gramaticais) de falar são chamadas *registros simplificados*. (Mais tarde nós vamos aprender mais sobre *registros*.) Todo mundo é capaz de usar os registros simplificados quando precisa. Isto é, quando existe uma barreira de comunicação, porque os dois interlocutores não sabem a mesma língua, ou não sabem a língua no mesmo nível de proficiência.

### **2.3 Pidgins**

Algumas situações em que há barreiras de comunicação são mais sérias do que outras. No caso do bebê, todo mundo sabe que o bebê vai crescer e que, com o tempo, vai aprender nossa língua. No caso do encontro com um estrangeiro, não é tão sério, porque provavelmente a situação dura muito pouco tempo (o que, infelizmente, não é o caso de um surdo vivendo em família de ouvintes que não sinalizam!).

Mas imagine uma situação de estar num grupo de pessoas, em que *ninguém* fala a mesma língua! E ter que viver por muito tempo nesse grupo! Nessa situação, todo mundo tem que falar "estrangeirês", da sua maneira, para tentar ser entendido. E acrescente outro fator a nosso grupo imaginário: ninguém pode aprender a língua de mais ninguém!

Essas situações, infelizmente, não são tão raras na história. Sabemos que durante a era das grandes colonizações e, em especial, durante a era da escravidão, essas situações eram bem comuns. Uma história típica seria assim: um país explorador e colonizador, como a Inglaterra ou Portugal, faz contato com pessoas de algum país da África para comprar escravos. Os intermediários do tráfico negreiro escravizam pessoas no interior do seu país e as trazem para os portos, onde eles misturam as pessoas de línguas diferentes, para dificultar a comunicação e, portanto, a possibilidade de planejar

uma rebelião. Aí esses escravos são vendidos para os "navios negreiros", os navios que levavam os escravos para ser vendidos no seu país de destino.

Você lembra quantas línguas um país como a República Democrática do Congo tem hoje? Imagine um navio, e depois uma fazenda com escravos que falam vinte ou trinta línguas diferentes. Como é que os donos dos escravos se comunicavam com os escravos, e como é que os escravos se comunicavam entre si?

Obviamente, eles usavam um *registro simplificado*, cada um do seu jeito, mas sempre usando muitos gestos, falando frases curtas, com poucas palavras, principalmente nomes e verbos, com pouca gramática. Os escravos aprendiam as palavras mais comuns usadas pelos capatazes das fazendas, os nomes e os verbos essenciais, por uma questão de sobrevivência. Depois, como eles não tinham uma língua em comum com os outros escravos, eles usavam essa mesma fala reduzida para se comunicar entre si. Com certeza os donos dos escravos não tinham interesse nenhum em aprender as línguas dos escravos, e os escravos não tinham chance de aprender a língua dos senhores.

Nesses casos, apareciam sistemas de comunicação precários chamados *pidgin*. Um pidgin não é uma língua natural, porque não existe ninguém que fale pidgin como primeira língua. Todo mundo que fala pidgin aprende por força de circunstâncias, já adulto, quando já tem uma outra língua materna. Todo mundo fala pidgin como segunda (ou terceira, ou quarta) língua. Um pidgin é uma língua *emergencial* porque aparece em situações extremas de barreiras à comunicação.

O tráfico negreiro é o exemplo mais dramático e notório da emergência de línguas pidgin, mas há outras situações que também são propícias para que esses sistemas de comunicação apareçam. Uma dessas são as grandes fazendas, como no Havaí, com as plantações de cana-de-açúcar. Os donos das fazendas importavam trabalhadores de muitos países do Pacífico que traziam suas línguas: havaiano, cantonês (uma língua chinesa), português, japonês, filipino, coreano, espanhol. Essas línguas entraram em contato com o inglês, que era a língua dos donos das fazendas. O que emergiu foi um pidgin baseado no inglês, com influências de todas essas outras línguas.

Esse mesmo fenômeno aparece nos grandes portos, mercados e rotas de comércio, por onde passam pessoas de partes diferentes do mundo, com línguas diferentes, para fazer negócios. Para comprar e vender num mercado, não é necessário contar a história da sua vida, ou ser engraçado, ou falar "corretamente". É necessário estabelecer o preço e a quantidade da mercadoria que está na sua frente. Para isso, um registro simplificado, ou um pidgin, serve perfeitamente bem. Tanto que milhares de turistas nos mercados do mundo usam uma espécie de pidgin todos os dias para fazer suas compras.

## **2.4 Línguas francas**

Outra situação de uso de pidgin é a dos próprios navios que transitavam nos oceanos nos séculos das grandes navegações. Esses navios juntavam marinheiros de todos os cantos do mundo, de dezenas de línguas diferentes.

Nos navios e nos portos onde os marinheiros paravam e socializavam com marinheiros de outras partes do mundo, eles se comunicavam em um *jargão náutico*, que misturava palavras de várias línguas pidgin encontradas nos portos, com termos marítimos, e que servia como *língua franca* entre marinheiros de línguas maternas diferentes.

Uma *língua franca* é exatamente isso: uma língua que serve para a comunicação entre pessoas que falam outras línguas.

As línguas pidgin são sempre línguas francas. Vocês se lembram que na ilha de Pádua-Nova Guiné, mais de 800 línguas são usadas? Seria impossível fazer comércio, ou governar o país, sem uma língua franca. A língua franca usada (e uma das línguas oficiais do país) é uma língua chamada *tok pisin* ("talk pidgin", em inglês, ou "fala pidgin"). Essa língua começou como uma língua pidgin.

Línguas francas não precisam ser línguas pidgin. Podem ser qualquer língua que seja usada como língua comum entre pessoas que falam outras línguas maternas. Durante a Idade Média e até o século 18, o latim era usado como a língua franca dos intelectuais da Europa. Eles escreviam seus trabalhos científicos em latim. Na África oriental, a língua suaíli se espalhou, no começo do século 19, como língua franca. Hoje, o suaíli é falado por 2 milhões de pessoas como primeira língua, e por *cinquenta* milhões como segunda língua. No período moderno, o francês foi considerado a língua franca da diplomacia. Hoje em dia, o inglês é a língua franca internacional da ciência, da tecnologia e do comércio. É a língua oficial de comunicação aérea e marítima, e do esporte internacional. O inglês é a língua mais estudada no mundo como segunda língua.

Hoje em dia, é quase impossível fazer uma pós-graduação em algumas áreas de conhecimento sem ler o inglês, porque mesmo em países em que o inglês não é a primeira língua, a ciência mais importante é publicada em inglês, para ser lida no mundo inteiro. Noventa e cinco por cento de toda a produção científica mundial é escrita em inglês, apesar de só a metade disso ser produzida em países de língua inglesa. É mais fácil para os cientistas no mundo inteiro aprenderem *uma* segunda língua (o inglês) do que aprender mais três ou quatro línguas para poder ler a produção científica do seu interesse.

## **2.5 Línguas crioulas**

Vamos imaginar outro cenário: vamos imaginar uma comunidade em que a língua franca seja uma língua pidgin. Essa língua não é a língua materna de ninguém. É um *registro simplificado*, com um vocabulário limitado e pouca gramática, que varia de falante para falante, dependendo da língua materna do falante. Imagine, então, nessa comunidade, que um homem de língua materna **X** casa com uma mulher de língua materna **Y**, e eles começam a criar uma família. Que língua você acha que eles vão falar em casa? Pidgin. Os filhos deles vão crescer ouvindo pidgin o tempo todo. Quando os filhos começam a brincar com outras crianças na rua e no mercado, qual língua eles vão usar? Pidgin. É a língua franca da comunidade; é o que todo mundo fala.

Mas essas crianças não vão adquirir pidgin como sua primeira língua. Por quê? Porque pidgin não é a língua materna de ninguém. É uma língua sem uma gramática estabelecida. É muito variável. Só serve para uma comunicação mínima. Mas as crianças precisam ter uma *primeira língua*. Todo mundo precisa ter uma primeira língua. As crianças precisam pensar tudo sobre o mundo na sua língua materna e, para isso, um pidgin não serve. Então o que é que essas crianças vão fazer? De onde elas vão tirar sua primeira língua?

A resposta é surpreendente. Elas *inventam* uma nova língua. Elas *gramaticalizam* e *regularizam* a língua pidgin que seus pais e seus vizinhos falam. Seus pais e seus vizinhos falam pidgin como *segunda* língua, mas para eles, essa língua tem que ser sua *primeira* língua, então eles modificam a língua para ser mais completa, mais gramatical, mais expressiva. Esse processo, chamado *crioulização*, ainda é um grande mistério, mas é bem documentado. Essas línguas que são faladas como primeira língua e que nascem em comunidades que usam pidgin como uma língua franca chamam-se *línguas crioulas*. E são sempre mais regulares e mais gramaticais do que os pidgins. Como as línguas crioulas têm falantes nativos, elas são línguas *naturais*, como qualquer outra língua natural. Não são mais "línguas de contato" ou "registros simplificados". São línguas de verdade.

É impossível cometer um "erro" falando pidgin. Desde que você consiga se comunicar, está bem! Ninguém está preocupado se você fala corretamente ou não, porque ninguém sabe qual é a forma correta. Todo mundo fala diferente. O único objetivo é a comunicação. Com uma língua crioula, é diferente. Como uma língua crioula é uma língua materna, seus falantes nativos "sabem" como ela deve ser falada. As crianças que falam crioulo podem "corrigir" seus pais, que falam pidgin. Na comunidade surda há uma situação semelhante. Quando crianças surdas e seus pais ouvintes estão aprendendo libras, muitas vezes as crianças "corrigem" a libras dos seus pais. Para as crianças, libras é uma primeira língua, mas para os pais é uma segunda língua. Por isso, as intuições das crianças sobre como a libras deve ser falada são melhores do que as intuições dos seus pais!

Nos lugares onde um pidgin se estabelece numa comunidade para ser usado como língua franca, e onde existem muitas línguas maternas, sem chance de nenhuma delas dominar as outras, é comum que o pidgin adquira falantes nativos e se transforme em língua crioula. Isso aconteceu em Páua-Nova Guiné, com o tok pisin, e no Havaí, com o inglês crioulo havaiano. O tok pisin hoje em dia é considerado uma língua crioula, porque já conta com cem mil falantes nativos, apesar de a maioria dos falantes (4 milhões de pessoas) ainda usar o tok pisin como segunda língua.

De acordo com o *Ethnologue*, existem 86 línguas crioulas no mundo. Muitas delas são línguas oficiais do país onde são faladas (como é o caso de tok pisin).

## 2.6 A crioulização de línguas de sinais

Muitas vezes na história das comunidades surdas acontece que escolas especiais servem como núcleo de convivência entre surdos. Essa convivência estimula a aquisição de língua de sinais pelas crianças surdas, e a formação de associações de surdos nas cidades onde os surdos se concentram por causa das escolas. Isso aconteceu no Rio, começando em 1857, com a fundação do Imperial Instituto de Surdos e Mudos (hoje INES). Isso trouxe surdos de outras partes do Brasil para o Rio, muitos dos quais acabaram ficando por lá e consolidando uma comunidade. Não temos informações sobre o que existia de comunidade surda e de comunicação entre surdos antes da fundação do Instituto, mas sabemos que vinte anos depois, os surdos já usavam uma língua de sinais muito influenciada pela língua de sinais francesa. O fundador do Instituto, E. Huet era surdo francês, vindo do Instituto de Surdos-Mudos de Paris, e certamente introduziu a língua de sinais francesa por meio da sua comunicação com os alunos e professores, apesar de não ter incluído língua de sinais como parte do currículo. Até o oralismo puro chegar oficialmente ao INES, em 1911, a língua de sinais brasileira já estava sendo usada pela comunidade surda, e ela continuaria a ser usada informalmente dentro e fora da escola.

O caso do nascimento da língua de sinais nicaragüense é bem diferente. Na Nicarágua, a primeira escola especial, que aceitava surdos entre os alunos, foi fundada em 1946. Até 1979, já havia sete escolas especiais na Nicarágua, servindo por volta de 100 surdos em locais diferentes. Ao assumir o poder em 1979, o governo sandinista formulou uma política de educação especial e, a partir de 1980, aumentou o número de escolas especiais para 20. Uma associação de surdos só veio a ser fundada em 1986.

A grande diferença entre a experiência nicaragüense e a experiência brasileira é que as escolas nicaragüenses foram estabelecidas na era oralista, sem o envolvimento de nenhum educador surdo, e sem a introdução, mesmo informal, de uma língua de sinais de uma comunidade surda. Isso dificultou a comunicação entre os alunos surdos e retardou a formação de uma comunidade de surdos jovens e adultos.

Mas hoje existe uma língua de sinais nicaragüense. Como é que isso aconteceu, sem essa língua ter sido trazida de algum outro lugar? Acredita-se que a língua de sinais nicaragüense foi o resultado de um processo de *crioulização*.

Mas essa é uma história de *crioulização* muito especial. É comum que uma língua crioula, como já vimos, nasça a partir de uma língua pidgin, que é usada como língua franca numa comunidade sem nenhuma língua dominante. No caso dos surdos nas escolas especiais da Nicarágua, qual foi a língua pidgin que deu origem à língua de sinais que é usada hoje?

Os teóricos que estudaram a emergência da língua de sinais nicaragüense acreditam que os elementos lingüísticos que foram incorporados à língua de sinais nicaragüense vieram dos sistemas de "sinais caseiros" que cada surdo trouxe de casa para as escolas. Uma criança surda, isolada dentro de uma

família de ouvintes, acaba estabelecendo alguns sinais que servem para a comunicação básica. Para os ouvintes da família, esses sinais são apenas gestos icônicos, e nunca adquirem o estatuto de *língua*. Mas para as crianças surdas, os sinais caseiros são o começo de uma comunicação simbólica. Quando as crianças surdas têm oportunidade de usar esses gestos na comunicação com outros surdos, eles sofrem elaborações que acabam resultando em uma língua natural, da mesma forma que uma língua crioula nasce de uma língua pidgin.

Mas, para que isso aconteça, é importante que exista uma *comunidade*, composta por crianças, jovens e adultos que se comunicam entre si. Enquanto só há algumas poucas crianças surdas convivendo poucos anos numa escola, e depois voltando ao isolamento das suas famílias e comunidades ouvintes, não há condições para a língua se consolidar. Na Nicarágua, os surdos adultos que formaram a Associação falavam uma língua de sinais menos gramatical e mais variada. Era uma língua mais parecida com um pidgin. Mas a comunicação dos surdos mais velhos com os surdos jovens ajudou os jovens a *crioulizar* a fala dos mais velhos, isto é, a *gramaticalizar* a língua, e a torná-la mais uniforme e expressiva.

## **2.7 Crianças sem língua**

A vida de uma criança surda numa família de ouvintes que não use língua de sinais é sempre difícil, porque a criança não pode participar da conversa familiar. Mesmo assim, a criança interage com seus familiares, comunicando-se precariamente com sinais caseiros e sendo socializada. Depois, quando a criança chega à idade escolar, ou mesmo à adolescência, começa a sair de casa e encontra outros surdos usando língua de sinais, é comum observar que a aquisição da língua de sinais é rápida e eficiente.

Isso não acontece em casos mais extremos de crianças isoladas do convívio familiar. Existem vários casos históricos de crianças chamadas "selvagens" que são encontradas vivendo na natureza, sem família, às vezes na companhia de lobos, cachorros, macacos ou outros bichos. Alguns dos mais famosos são Peter, o selvagem (encontrado em 1724), Victor (1799), Kaspar Hauser (1828), e Kamala and Amala (1920).<sup>11</sup>

Um caso recente é o caso de uma menina chamada "Genie", que foi descoberta em 1970 por assistentes sociais aos 13 anos, depois de ter passado mais de onze anos presa e isolada na própria casa. O pai manteve-a amarrada numa cadeira de dia e na cama de noite, e proibia a mãe e o irmão de falar ou interagir com ela. Quando foi descoberta, ela não falava. Depois

---

<sup>11</sup> Leia mais sobre crianças selvagens na Internet:

<<http://sofadasala.vilabol.uol.com.br/noticia/feralchildren.htm>> e

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000100008)> Se interessar, procure também filmes feitos sobre as vidas de crianças isoladas: O Garoto Selvagem (Francois Truffaut, 1969), Kaspar Hauser (Werner Herzog, 1974; Peter Sehr, 1993), O Despertar de uma Vida / *Mockingbird Don't Sing* (Harry Davenport, 2001).

de ter sido tirada de casa, ela começou a aprender a língua inglesa, mas até hoje não consegue falar fluente e gramaticalmente.

O que todas essas histórias têm em comum é isto: a quase impossibilidade de uma pessoa que foi privada de língua e de interação com outros seres humanos na infância de adquirir a língua.

## Unidade 3. Bilingüismo

### 3.1 O bilingüismo social e o bilingüismo individual

*Bilingüismo* é o uso, dentro de uma mesma comunidade lingüística, ou pela mesma pessoa, de mais de uma língua. O *bi* em bilingüismo quer dizer *dois*, mas a palavra "bilingüismo" pode ser usada para significar o uso de duas *ou* *mais* línguas. A palavra *multilingüismo* também é usada para significar o uso de três ou mais línguas.

É comum ouvir dizer que *alguém* é bilíngüe, que ele sabe, por exemplo, português e inglês. Isso seria um exemplo de *bilingüismo individual*. O bilingüismo individual é muito comum no mundo, mesmo que não seja tão comum em países como o Brasil e os Estados Unidos. Estima-se que 50% da população mundial seja bilíngüe. É mais raro ouvir alguém comentar que uma *comunidade* é bilíngüe. O bilingüismo de uma comunidade se chama *bilingüismo social*. O bilingüismo social também é muito comum, mas nem sempre é reconhecido.

Já vimos que países *monolíngües* (onde se encontra somente *uma* língua) são raros no mundo. Na maioria dos países, várias línguas são encontradas, às vezes dezenas e às vezes centenas de línguas. Mesmo assim, nem todos esses países são considerados *bilíngües*. Muitas vezes o bilingüismo de um país é ignorado, e se dá atenção somente à língua dominante. A maioria dos brasileiros (exceto em algumas regiões) não sabe que muitas línguas são faladas no Brasil; a maioria só escuta português na rua, no rádio, na televisão. A maioria acha que no Brasil só se fala português, e acha que quem mora no Brasil "tem obrigação de aprender o português".

Nos Estados Unidos acontece a mesma coisa. Os Estados Unidos sempre foram multilíngües, desde o período colonial, com inglês, espanhol, francês, e mais de duzentas línguas indígenas. Hoje nos Estados Unidos encontram-se mais de 300 línguas (entre línguas indígenas e línguas de imigrantes de todas as partes do mundo). Mesmo assim, 86% da população é monolíngüe em inglês e acha que todo mundo deve falar inglês nos Estados Unidos.

O Brasil e os Estados Unidos são países bilíngües (ou multilíngües) *de fato*, mas não oficialmente, e não na imaginação popular. Mas muitos países são bilíngües *oficialmente*. Dois países das Américas ilustram esse fato: o Canadá e o Paraguai. O Canadá e o Paraguai são exemplos de bilingüismo social oficial, porque as sociedades são *oficialmente* bilíngües.

Podemos perguntar: para ser um país bilíngüe, é necessário que muitas pessoas que moram no país sejam bilíngües? Um país é bilíngüe porque os cidadãos são bilíngües? O bilingüismo *social* é resultado do bilingüismo *individual*? Não necessariamente. O Canadá e o Paraguai são exemplos de dois extremos. O Canadá é uma sociedade bilíngüe *sem* bilingüismo individual (ou com muito pouco). O Paraguai é uma sociedade bilíngüe *com muito* bilingüismo individual.

O Canadá é um país que tem mais de 80 línguas, mas só duas línguas são oficiais: inglês e francês. No Paraguai, existem 20 línguas, mas só duas línguas são oficiais: guarani e espanhol. Mas vejam a diferença: no Paraguai, 50% da população é bilíngüe em guarani e espanhol. No Canadá, menos de 18% da população é bilíngüe em inglês e francês. E vejam que o bilingüismo no Canadá não é distribuído igualmente: as pessoas bilíngües estão concentradas nas províncias com a maior concentração de nativos de francês. Uma dessas províncias é o Quebec, com uma população de mais de 80% de língua materna francesa. Então, vê-se que o país é oficialmente bilíngüe, mas as pessoas continuam a ser, na maior parte, monolíngües.

### **3.2 O bilingüismo e a bilingüidade**

Da mesma forma que pode haver grandes diferenças na natureza do bilingüismo social entre uma comunidade e outra, também pode haver diferenças entre uma pessoa bilíngüe e outra.

Muitas pessoas acham que uma pessoa *bilíngüe* é uma pessoa que fala duas línguas perfeitamente bem, como se tivesse duas línguas maternas. Essa condição, de poder falar duas línguas como sua língua materna, é chamada *bilingüismo equilibrado*. É um tipo de bilingüismo, e não é o mais comum. Nossa definição de bilingüismo é mais ampla. Para nós, um indivíduo bilíngüe é qualquer pessoa que use mais de uma língua para se comunicar, mesmo minimamente. Dessa forma, poderíamos dizer que existem *graus* de bilingüismo individual. Num extremo, estão os bilíngües equilibrados, fluentes nas duas línguas; no outro extremo os bilíngües precários, que sabem falar algumas palavras e expressões suficientes para se fazer entender, e os *semibilíngües*, que compreendem (ou que lêem) uma segunda língua, mas que não conseguem falá-la. E existem muitos outros tipos entre os extremos.

Ainda há pessoas que conhecem, em graus diferentes, mais de duas línguas. Em uma das línguas elas podem ser fluentes e letradas, enquanto em outra elas podem ter apenas uma proficiência básica conversacional. O conceito de "bilíngüe" tem que incluir todos esses casos. Só porque uma pessoa não é perfeitamente fluente numa segunda língua não significa que ela não possa ser considerada bilíngüe. Muita gente, mesmo sabendo pouco de uma língua estrangeira, consegue ajudar um estrangeiro, ou até interpretar para ele, com o pouco que sabe.

Também é verdade que a *mesma pessoa* pode demonstrar variação na sua capacidade de usar duas línguas, dependendo da situação, da pessoa com quem fala, do tópico, do seu estado físico ou emocional e da tarefa a ser executada. O termo *bilingüidade* faz referência a esses graus de habilidade bilíngüe, isto é, à essa qualidade mais dinâmica e variável da habilidade de uma pessoa ser bilíngüe.

A bilingüidade de uma pessoa pode mudar com o tempo. Um jovem imigrante pode começar sua vida com uma língua materna (a língua dos pais) e adquirir rapidamente sua segunda língua (a língua da comunidade e da escola). Com o tempo, se começar a usar a segunda língua quase exclusivamente, no trabalho e com seus próprios filhos, e se não tiver mais

contato regular com pessoas que falam sua primeira língua, a pessoa pode perder sua proficiência na primeira língua.

Também é muito comum, nesses casos, que as pessoas acabem usando a língua da comunidade para quase todas as funções comunicativas do dia-a-dia, mas que usem a primeira língua para algumas funções específicas, como conversas familiares sobre certos tópicos ou em contextos religiosos.

### **3.3 Interferência**

Só o fato de existirem duas línguas numa sociedade não é motivo para que as duas línguas se modifiquem, uma por influência da outra. Mas é verdade que, quando duas línguas convivem por muito tempo, pode haver mudanças nas duas, por causa desse convívio. Como é que isso acontece?

Essas mudanças acontecem porque em qualquer comunidade bilíngüe sempre há pessoas bilíngües. Às vezes, como já vimos, muitas pessoas são bilíngües numa comunidade. As mudanças lingüísticas começam nos cérebros e na fala dessas pessoas bilíngües. Isso acontece por vários motivos, mas podemos apontar dois.

Primeiro, as pessoas bilíngües podem não ser igualmente proficientes nas duas línguas, como já vimos. Quando uma pessoa está falando uma língua que não conhece perfeitamente bem, ela nem sempre se limita a falar só aquilo que sabe falar bem na segunda língua (às vezes é muito pouco!); muitas vezes ela quer falar uma coisa e *inventa* uma maneira de falar aquilo na segunda língua, baseada no seu raciocínio na primeira língua, adaptando palavras e estruturas gramaticais da primeira língua. Essa é uma estratégia comunicativa muito útil, porque às vezes funciona! Se só houver alguns bilíngües numa comunidade, esses "erros" de pronúncia e de gramática não irão ter nenhum efeito sobre a língua. Mas quando toda uma comunidade de pessoas bilíngües usa essas estratégias, algumas pronúncias "criativas" e estruturas "tortas" vão ser ouvidas com muita freqüência na segunda língua. As crianças crescendo e aprendendo essa "mistura" como sua primeira língua podem integrar essas novidades à sua gramática da língua, mudando assim a língua falada como primeira língua.

Pode parecer que qualquer contato entre línguas envolvendo pessoas bilíngües resulte necessariamente na aproximação das gramáticas das duas línguas. Mas isso não acontece! Existem outros fatores que influenciam esse processo de mudança da gramática de uma língua que vamos estudar mais tarde.

A segunda fonte de interferência na fala de uma pessoa bilíngüe é *consciente*. Como a pessoa bilíngüe tem acesso a *dois* vocabulários, às vezes ela pode achar que a palavra na língua que está falando não expressa exatamente o que quer dizer, mas que uma palavra em outra língua, sim, expressa sua idéia perfeitamente. Se ela está falando com outras pessoas bilíngües, ela pode usar a palavra da segunda língua no meio da sua fala e continuar sendo perfeitamente compreendida. Esse fenômeno pode resultar em *empréstimos*, como vamos estudar na Unidade 4.

### **3.4 Alternância de códigos**

Um fenômeno parecido com a escolha de uma palavra de outra língua no meio da fala é um fenômeno chamado *alternância de códigos*. Esse fenômeno é muito comum em grupos de pessoas bilíngües. Essas pessoas podem desenvolver o hábito de *alternar* a língua que estão falando, não de acordo com a *pessoa* com quem elas falam, mas de acordo com o *assunto*, ou mesmo por causa do *efeito retórico ou emocional* que querem atingir. Como isso acontece sempre entre bilíngües, a comunicação não é afetada. Esse jeito de alternar os códigos no meio de uma mesma conversa é usado muitas vezes como marca de identificação por grupos de bilíngües equilibrados, como por exemplo, a comunidade de crianças brasileiras em São Paulo que cresceram em famílias de língua inglesa e estudaram em escolas de língua inglesa.<sup>12</sup> Isso também pode ser constatado entre surdos oralizados bilíngües em libras e português. Quando eles conversam uns com os outros, pode haver alguns momentos em que uma língua ou a outra parece mais adequada para expressar o que querem dizer, e naquele ponto da conversa podem alternar os códigos.

---

<sup>12</sup> Esse exemplo foi estudado por Marina H. G. MacRae, *Some codeswitching strategies of Anglo-Brazilian bilinguals* (Estratégias de alternância de códigos entre bilíngües anglo-brasileiros), 1993 (tese de doutorado, USP).

## Unidade 4. A mudança lingüística e seus caminhos

Já estudamos vários exemplos de mudança lingüística. Na Unidade 1, vimos como as línguas mudam com o tempo, de forma que o latim se transformou nas línguas românicas da Europa de hoje. Na Unidade 2, vimos como novas línguas podem nascer em situações de extrema dificuldade de comunicação, em duas fases. A primeira fase é a criação de uma língua franca simplificada que não é língua materna de ninguém. A segunda fase é a crioulização dessa língua por crianças, quando começam a usá-la como sua língua materna.

Nesta Unidade, vamos estudar uma outra maneira muito comum pela qual as línguas mudam: quando as línguas adquirem novas palavras.

### 4.1 A mudança lexical e o crescimento das línguas

Para que uma língua se transforme em outra, é necessário muito tempo! As diferenças entre o latim e o português são profundas e afetam toda a gramática da língua. Apesar de ser mãe e filha, são línguas de *tipos* muito diferentes. As diferenças entre elas apareceram e cresceram ao longo de mais de mil anos!

Mas as línguas também podem mudar – e precisam mudar – rapidamente, sem tanta demora! Não na gramática, mas sim no vocabulário. Ou seja, a gramática de uma língua não deve mudar rapidamente, mas o vocabulário – o conjunto de palavras – pode, e deve, mudar. A mudança lexical é muito importante, principalmente em culturas dinâmicas, como a nossa, em que o conhecimento científico e tecnológico cresce dia-a-dia. Não se pode esperar que a língua que era perfeita para falar sobre os fatos e os objetos do mundo de 1800 seja igual à língua de que precisamos para falar sobre os fatos e os objetos do mundo de hoje! Quando a sociedade muda, quando a tecnologia muda e quando as idéias mudam, a língua tem que acompanhar.

A tendência da mudança lexical é a de *umentar* o léxico de uma língua, de fornecer *mais opções* de palavras para os falantes da língua. Ao mesmo tempo, outras palavras sempre deixam de ser usadas; elas *caem em desuso* e tornam-se *arcaicas*. Mas a tendência geral é no sentido de o número de palavras de uma língua *crescer*, se a língua é muito usada.

Vamos ver o caso de inglês, que é a língua que mais cresce no mundo atualmente (em número de usuários e em número de palavras). Hoje se estima que o inglês tenha cerca de 1 milhão de palavras! O seu vocabulário está crescendo num ritmo de mais de 20.000 palavras por ano. Isso significa que o inglês ganha entre duas e três palavras *por hora*!

Por que tantas novas palavras? Primeiro, porque os países de língua inglesa nunca tentaram *controlar* a introdução de novas palavras. Todas as palavras são bem-vindas (embora sempre haja quem reclame!). Segundo, porque o inglês é usado em toda parte do mundo, em muitas culturas diferentes. É língua oficial em 72 países. Em cada lugar em que o inglês é usado, as pessoas estão criando novas palavras para expressar suas necessidades. Terceiro, porque mais pessoas no mundo usam inglês como *segunda* língua

(600 milhões) do que como primeira língua (400 milhões). Como nós vamos ver em seguida, esse bilingüismo também é uma rica fonte de novas palavras.

Como é que isso se compara com outras línguas? Não temos estimativas boas para as línguas, mas podemos usar o número de palavras que aparecem nos dicionários como uma medida para fins de comparação. Esse número sempre vai ser menor do que o número real de palavras, porque nem *todas* as palavras chegam a ser *dicionarizadas*. Muitas palavras – ou porque são muito novas, ou porque são muito velhas, ou porque são muito técnicas, ou porque são consideradas *gíria* – ficam fora dos dicionários. Aqui vão algumas comparações: inglês: 600.000; português: 228.500<sup>13</sup>; alemão: 185.000; francês: 100.000 palavras. (A França é um país que tenta controlar rigorosamente a entrada de novas palavras na língua!)

A mudança lexical é um fenômeno completamente *natural*. Acontece em todas as línguas. É necessário. É uma expressão da criatividade humana. Mas mesmo assim, a mudança lexical não é completamente *tranqüila*. Existe muita polêmica sobre o uso de novas palavras, como nós vamos ver.

Mas, de onde vêm as novas palavras? Elas podem vir de duas fontes principais: ou elas vêm de recombinações de elementos que já fazem parte da língua, ou elas vêm emprestadas de outras línguas. Vamos estudar essas duas maneiras de como uma língua pode adquirir novas palavras.

## 4.2 Neologismos

"Neologismo" é o termo científico para "nova palavra". Muitos novos conceitos, e as palavras que usamos para falar deles, nascem de dentro da própria cultura e da própria língua. Lembrem-se que um *signo lingüístico* é uma *união de um conceito com uma forma fonológica*. Uma palavra é isso: é uma "forma fonológica" (significante) que significa um "conceito" (significado). Pensando nisso, quais são as nossas opções para inventar novas palavras? Vejam:

- Velho conceito + nova forma fonológica
- Novo conceito + velha forma fonológica
- Novo conceito + nova forma fonológica

Ou seja, podemos criar uma "nova palavra" para significar algo que já é significado por outras palavras. Ou podemos usar a "mesma palavra" para significar algo novo. Ou podemos significar algo novo com uma "palavra" que ainda não existia na língua.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Editora Objetiva, 2001) é a referência usada para o português nesta disciplina.

<sup>14</sup> Quem pode me dizer por que eu usei "palavra" entre aspas nestas sentenças? É porque eu estou usando o termo 'palavra' com um sentido não lingüisticamente correto. Uma *palavra* é um *signo lingüístico*, e isso significa que ela tem *significante* e *significado*. Mas aqui estou usando 'palavra' só para significar a *forma fonológica*, ou seja, só o *significante* da palavra, sem o *significado*.

O primeiro processo é relativamente comum. A língua cria *sinônimos*, que são palavras diferentes que significam a mesma coisa. Talvez o mais famoso neologismo brasileiro desse tipo, das últimas décadas, seja a palavra: *imexível*. Esse neologismo até tem data e autógrafa: foi pronunciado pela primeira vez em 1990 pelo então Ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, do governo Collor, na frente das câmeras de TV.

O conceito não era novo. Todo mundo sabia o que o ministro Magri queria dizer: que "ninguém podia mexer" com o plano econômico do presidente. Ele também podia ter dito que o plano era "intocável" ou "inalterável", mas ele optou por uma forma que surpreendeu as pessoas, porque ninguém tinha dito "imexível" até então. Hoje em dia, a palavra "imexível" já aparece no dicionário!

Esse neologismo é um exemplo dos processos de *derivação* que vocês estudaram na disciplina de Morfologia. Os mecanismos que foram usados para criar a palavra "imexível" são muito produtivos:

*mexer* ==> *mexível* ==> *imexível*

Tais mecanismos são usados para formar muitas palavras. Você mesmo pode experimentar fazer um neologismo. Comece com um verbo; a partir do verbo, crie um adjetivo, e em seguida crie o *negativo* do mesmo adjetivo.

É importante notar que essas "novas palavras" não são *completamente* novas. São feitas sempre usando *recursos da língua*. Para criar uma nova palavra, normalmente se juntam pedaços da língua que já existem: outras palavras, raízes de palavras, prefixos, sufixos. Esse processo é muito útil, porque esses pedaços de palavras (que são signos lingüísticos) já têm significado. Quando você cria uma nova palavra desses pedaços, você pode aproveitar os significados que as pessoas já conhecem e combiná-los de uma forma nova.

O segundo jeito de criar uma "nova palavra" é o de pegar uma palavra que já existe, e de dar um novo significado para ela. Esse processo também é muito comum. Com isso, os significados das palavras se multiplicam. Acabamos usando muitas palavras com mais de um sentido. Essas palavras são chamadas *ambíguas*. Isso não é um problema, em geral, porque as falas das pessoas não são ambíguas. Normalmente sabemos, no *contexto*, qual é o sentido correto de uma palavra.

Um exemplo de um neologismo desse tipo é *laranja*. O que a palavra "laranja" significa normalmente é aquela fruta ácida que comemos com a feijoada aos sábados. Mas se você ler a seguinte manchete que apareceu na Folha de São Paulo em 28/04/2006, você vai saber que não se trata de uma fruta, mas de uma pessoa que recebeu ou repassou dinheiro ilegalmente:

*"Promotoria investiga laranja que teria recebido dinheiro no RN"*

Trata-se da mesma forma fonológica da palavra que significa a fruta, mas é um neologismo porque agora está sendo usada com um novo significado.

A terceira maneira de se criar neologismos é a de juntar um novo sentido com uma nova forma fonológica. Um exemplo disso é *mensalão*. Essa palavra tem um significante que não foi usado antes, e também tem um significado específico, que não é representado por nenhuma outra palavra: "um pagamento mensal cobrado por deputados em troca de favores".

Como vocês podem ver, esses neologismos do terceiro tipo também são criados por meio do uso dos *recursos da língua*: todos os processos de derivação que a língua permite. Um caso curioso de "recursos da língua" são as raízes de palavras, os prefixos e os sufixos que vieram do grego e do latim. Como muitas palavras no português já são compostas por esses elementos lingüísticos do grego e do latim, eles já são considerados recursos *próprios da língua portuguesa*, para a formação de novas palavras. Muitas palavras científicas entram na língua por esse meio. São criadas pelos cientistas usando recursos lingüísticos do grego e do latim, mas entram nas línguas já como se fossem *neologismos* ou criações *nativas* da língua. Esse fenômeno não acontece só em línguas românicas como o português, mas também acontece em línguas germânicas, como o alemão ou o inglês, e em línguas eslavas, como o russo.

É importante lembrar que muitas palavras são criadas, o tempo todo, mas também muitas são esquecidas e nunca mais usadas depois de algum tempo. Esse é o caso de *gíria*, que é uma maneira de falar usando-se muitos neologismos que só são compreendidos por algum grupo específico. A maioria das palavras usadas na gíria não dura muito tempo e nunca chega a ser dicionarizada. São palavras "da moda", e da mesma maneira com que hoje estão "na moda", amanhã podem estar "fora de moda".<sup>15</sup>

### **4.3 Empréstimos**

Nem todas as novas palavras nascem "de dentro" da língua. Muitas vêm "de fora". São palavras já usadas em alguma língua que são "emprestadas" para serem usadas pelos falantes de outra língua diferente.

Um dos motivos de o inglês ser a língua com o maior vocabulário do mundo é o de que sempre emprestou palavras de todas as línguas com que teve contato. No século XI, a Inglaterra foi conquistada por Guilherme, duque da Normandia, uma região do norte da França, e Guilherme se declarou rei da Inglaterra. A partir desse momento, a variedade do francês falado na Normandia foi usada como língua oficial da corte por 300 anos. Durante esse período, essa variedade do francês foi a língua de prestígio na Inglaterra. A língua nacional (a língua majoritária do povo) continuou sendo o inglês, mas, com esse contato contínuo durante séculos, o inglês acabou emprestando milhares de palavras da língua normanda.

---

<sup>15</sup> Qual é a diferença entre uma palavra de gíria que sai de uso e uma palavra *arcaica*, que também é uma palavra que saiu de uso?

O resultado disso é que hoje entre 30% e 40% do vocabulário do inglês é emprestado do francês. Mas a língua continua sendo uma língua germânica, e não uma língua românica. Como é que isso acontece?

Acontece porque o que é emprestado são *palavras*, não é a *gramática*. A gramática continua igual. Isso significa também que a *fonologia* da língua continua sendo igual. Qual é o efeito disso?

Quando uma palavra é emprestada da língua **A** e começa a ser usada por pessoas que falam a língua **B** como língua materna, essas pessoas não vão pronunciar a palavra exatamente como é pronunciada por falantes nativos da língua **A**. Elas vão *adaptar* a pronúncia da palavra às regras da fonologia da língua **B**. E a palavra já começa a mudar. Já começa a ter a "cara" da língua de destino e perder um pouco suas características da língua de origem. Essas mudanças são inevitáveis (e *imexíveis!*).

As primeiras pessoas a usar uma palavra emprestada vão ser pessoas bilíngües nas duas línguas: a língua de origem e a língua de destino. Pode ser que essas pessoas tenham uma excelente pronúncia na língua de origem. Mas quando essas mesmas pessoas estão falando na língua de destino, vão seguir outras regras de pronúncia. Por isso, elas vão falar a palavra estrangeira com uma pronúncia diferente.

Numa segunda fase, quando as palavras emprestadas já estão sendo muito usadas por pessoas bilíngües e começam a aparecer nos jornais, nas revistas, nos manuais, no rádio e na televisão, elas vão começar a ser usadas também por pessoas *monolíngües* na língua de destino. Essas pessoas não vão conhecer a palavra como ela é na sua língua de origem. Não vão saber a pronúncia original, e nem o sentido original. Elas só vão saber o sentido que os empréstimos têm no seu contexto de uso na língua do destino. Essas pessoas, então, vão modificar a pronúncia dessas palavras ainda mais.

Se a língua de destino é o português, podemos dizer que os empréstimos ficam *aportuguesados*. Isso quer dizer que eles ficam com a "cara" de uma palavra do português, com a pronúncia própria de uma palavra do português.

#### **4.4 Estrangeirismos**

A escrita é outra coisa. No início, a palavra emprestada é escrita com a ortografia original. É comum, também, grafar a palavra estrangeira com itálico, para indicar que é um *estrangeirismo*, que é uma palavra emprestada de língua estrangeira. Estrangeirismos podem ser chamados conforme sua língua de origem. Assim, um estrangeirismo do inglês é chamado *anglicismo*; do francês, *galicismo* (você se lembram da antiga Gália?).

Com o tempo, as pessoas ficam muito acostumadas com a palavra, e começam a esquecer que se trata de um estrangeirismo. Quando isso acontece, a primeira mudança é que a grafia perde o itálico. Quinze anos atrás, a palavra *software* (que é um *anglicismo*) era sempre grafada em itálico no Brasil. Hoje em dia é raro ver a palavra grafada em itálico. Para a maioria

dos brasileiros que usam a palavra, "software" já se tornou uma palavra comum (apesar da ortografia "estrangeira").

A segunda mudança que acontece é que a ortografia da palavra começa a mudar. Da mesma forma que cada língua tem uma fonologia própria, cada língua também tem uma ortografia própria. Quando os estrangeirismos começam a mudar de pronúncia na fala dos brasileiros, eles começam a aparecer na escrita de formas diferentes. Se um brasileiro sabe pronunciar uma palavra inglesa (do "seu jeito", claro!), mas não sabe como ela é escrita no inglês, não importa, ele escreve do jeito que aquele som seria escrito na ortografia da língua portuguesa.

O anglicismo *software*, embora não seja possível pronunciá-lo no português com a mesma pronúncia que ele tem no inglês, até hoje mantém a mesma grafia, e é assim que aparece no dicionário (em itálico, porém).<sup>16</sup> A palavra *site* (anglicismo que significa mais ou menos "página da Web"), também continua com a ortografia original (4.700.000 vezes, no Google, em páginas brasileiras), e é assim que está dicionarizada. Mas já existem outras ortografias alternativas: *sait*, que é um pouco mais aportuguesada (35.000 vezes), e *saite*, que é mais aportuguesada ainda (134.000 vezes), e nenhuma das duas está no dicionário.

Não é sempre que a ortografia preferida pelo dicionário corresponda à ortografia mais popular. O anglicismo *skate* também mantém a ortografia original para a maioria dos seus usuários (embora a pronúncia em português seja *muíto* diferente da pronúncia em inglês). Mas no dicionário, aparece *esqueite* como ortografia preferencial.<sup>17</sup> No uso popular, não é assim! No Google (em sites brasileiros), *skate* aparece mais de um milhão de vezes e *esqueite* aparece pouco mais de 218 vezes! O povo prefere *skate*, mas o dicionário prefere *esqueite*. Qual é o "correto"?

O anglicismo *stress* já mudou de ortografia no Brasil. No Google, em sites brasileiros, *stress* aparece 1.270.000 vezes; mas *estresse*, sua forma aportuguesada, aparece 1.410.000 vezes. Muita gente que conhece a palavra *estresse* pode nem saber que é um anglicismo. Estrangeirismos que já estão no português há muito tempo podem perder o "sotaque" fonológico e ortográfico de origem completamente e ser vistos como palavras "nativas" do português.

É o caso de milhares de palavras do nosso dia-a-dia que já fazem parte da nossa cultura brasileira, como, por exemplo: *futebol* (*football* em inglês) e *gol* (*goal* em inglês). Vejam ainda os seguintes exemplos: *hambúrguer* (do inglês), *alface* (do árabe), *chá* (do chinês), *café* (do turco), *pizza* (do italiano), *sufilé* (do francês), *shoyu* (do japonês), *vatapá* (do iorubá). O que será que a gente

---

<sup>16</sup> O itálico é usado no dicionário para indicar *estrangeirismo*, todo empréstimo que mantém a ortografia (mas não necessariamente a pronúncia!) original. O nome da língua de origem sempre aparece junto com o termo em itálico.

<sup>17</sup> O dicionário tem duas entradas, *esqueite* (sem itálico) e *skate* (com itálico), mas a *definição* aparece junto com a grafia *esqueite*. Ao procurar *skate*, o leitor é remetido para *esqueite*. Isso indica que, para os dicionaristas, *esqueite* é a ortografia "preferida".

comeria sem os estrangeirismos? Só o feijão, com certeza, porque arroz vem do árabe, *mandioca* vem do tupi, *batata* vem do taino (uma língua do Haiti), e *macarrão* vem do italiano!

Dessas palavras todas, só *pizza* e *shoyu* ainda aparecem em itálico no dicionário. Isso porque a ortografia ainda não foi totalmente aportuguesada. Em todos os outros casos, os traços de origem (o "sotaque" ortográfico) já foram apagados.

Quantos empréstimos e quantos estrangeirismos já estão na nossa língua? Faltando estatísticas prontas, podemos fazer uma pequena pesquisa caseira no dicionário Houaiss. Contei como *estrangeirismos* as palavras<sup>18</sup> grafadas em itálico. Contei como *empréstimos* as palavras com *etimologia* de outra fonte que não fosse o latim ou o grego (ver o comentário acima sobre "os recursos da língua"). "Etimologia" é uma palavra (de origem grega) que significa o estudo da origem das palavras. No Houaiss, as palavras costumam vir acompanhadas de notas sobre a etimologia, indicadas com a abreviação ETIM.

Pesquisei 59 palavras escolhidas aleatoriamente.<sup>19</sup> Nessas 59 palavras, não havia nenhum estrangeirismo, mas havia 10 empréstimos (17% da amostra). Dessas 10 palavras, havia: 3 de origem inglesa, 1 do hebraico, 1 do tupi, 1 do banto, 1 do quicongo (duas línguas africanas), 1 de nome próprio, e 2 de origem desconhecida. Todas são palavras perfeitamente aceitas hoje na língua portuguesa.

Como se viu, não apareceu nenhum estrangeirismo. Para achar estrangeirismos, precisamos de uma amostra maior. Por isso, verifiquei 1936 palavras.<sup>20</sup> Dentre essas palavras, foram encontrados 21 estrangeirismos (1%), das seguintes origens: 13 do inglês, 3 do francês, 1 do alemão, 1 do árabe, 1 do grego, 1 do latim, e 1 do suaili (uma língua da África).<sup>21</sup> Vocês acham isso muito (1%)? Vocês acham que o português está sendo "invadido" por estrangeirismos?

Podemos resumir a entrada de empréstimos na língua como uma série de etapas que já foram descritas acima. Notem que as etapas não são excludentes.

---

<sup>18</sup> Tecnicamente, as "unidades lexicais", as palavras que aparecem nas margens das colunas, em negrito.

<sup>19</sup> Escolhendo a primeira "unidade lexical" da página, começando com a página 50 e pulando de 50 em 50 páginas até o fim.

<sup>20</sup> Somando todas as palavras nas 29 páginas encontradas a partir da página 50, pulando de 100 em 100 páginas até o fim.

<sup>21</sup> Aqui, o grego e o latim são contabilizados porque as palavras aparecem grafadas em itálico.

<b>Interferência</b>	Pessoas bilíngües introduzem a palavra estrangeira na sua fala em português.
<b>Gírias e jargões</b>	Grupos de pessoas que convivem ou trabalham juntos começam a usar a palavra estrangeira regularmente na sua fala diária. A pronúncia começa a mudar para o padrão do português, mas a ortografia se mantém fiel ao original estrangeiro.
<b>Estrangeirismo</b>	A palavra começa a "vazar" para um público maior, nos jornais, TV e rádio. A pronúncia continua a mudar para o padrão brasileiro. Na escrita, aparece com a ortografia original, grafada em itálico. Começam a aparecer alternativas ortográficas mais próximas ao padrão do português.
<b>Aportuguesamento</b>	Uma ortografia aportuguesada começa a aparecer com frequência nos meios de comunicação para competir com a ortografia original. A ortografia original perde a grafia em itálico. A palavra é usada por pessoas que desconhecem sua origem.
<b>Empréstimo</b>	A palavra é usada normalmente como qualquer palavra no português, com ortografia aportuguesada. Ela começa a sofrer flexão e derivação pelas regras do português.
<b>Dicionarização</b>	A palavra começa a aparecer nos dicionários, ou com a grafia original (como estrangeirismo), ou com a grafia aportuguesada (como empréstimo) ou com as duas simultaneamente.
<b>Absorção</b>	A palavra perde sua identidade "estrangeira" completamente e começa a ser considerada simplesmente como mais uma palavra legítima do português, sem questão de origem.

#### 4.5 O "Purismo"

Já vimos que os processos de criação de novas palavras (neologismo) e de empréstimo de palavras de fora da língua contribuem para a riqueza lexical da língua. Uma língua precisa de opções lexicais para exprimir todos os conceitos do seu dia-a-dia e todas as diferenças sutis de significado e de sentimento que um usuário poderia querer expressar. Como não há restrição ao número de palavras que uma pessoa pode conhecer ou usar, quanto mais rico o léxico da sua língua, mais opções ele oferece. E quando a língua não tem uma opção desejada, o usuário (monolíngüe ou bilíngüe) pode *criar* mais opções, usando os mecanismos que já estudamos.

Mas já sinalizamos que a introdução de novas palavras na língua não é um processo completamente tranqüilo. Muita gente acha a introdução de novas palavras ruim, principalmente se elas vêm de fora e se contêm traços da sua origem estrangeira! Podemos chamar as pessoas que pensam dessa forma "puristas".

"Purismo" é a atitude de que existe um estado "puro" da língua, e que é necessário zelar para manter esse estado, ou (mais comumente) *voltar* para um estado mais puro da língua que já existia, mas que se perdeu com as mudanças. Em geral qualquer mudança na língua é vista como *negativa*. Purismo é uma atitude mais *reacionária* do que *conservadora*.

Obviamente, do ponto de vista da sociolingüística, não existe um estágio melhor ou pior de uma língua, *desde que ela esteja sendo usada energeticamente por uma comunidade de usuários, servindo todas as suas necessidades comunicativas e expressivas*. Para o lingüista, o único estado *ruim* para uma língua é quando ela começa a perder falantes nativos e entra em processo de extinção.

Mas não somos todos lingüistas. Para muita gente, a língua é mais um *símbolo* do que uma ferramenta de sociabilidade. Aí, nasce o purismo. Se a língua é um símbolo de uma nação, ou de um povo, é fácil perder de vista a sua natureza *dinâmica e pragmática*. Ela começa a ser tratada como uma virgem que necessita da nossa proteção!

No Brasil, o caso mais recente de purismo lingüístico é o do projeto de lei do Aldo Rebelo, político do Partido Comunista do Brasil, deputado federal por São Paulo. Seu Projeto de Lei nº 1676-D, de 1999 "dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa".<sup>22</sup> De acordo com esse projeto de lei, o uso do estrangeirismo poderá ser punido. Esse projeto de lei tem como inspiração uma lei francesa contra o uso de estrangeirismos no francês. Aqui estão algumas questões para pensar: O que é melhor para a língua, para o povo, e para o país: uma política restritiva de "proteção" à língua, ou uma política de não-intervenção, como nos países de língua inglesa? Quem é o dono da língua, e quem deve determinar quais palavras podem ser usadas e quais não devem ser usadas?

Se a questão do purismo na língua portuguesa parece um pouco remota, pensem na própria libras. As línguas de sinais não têm as mesmas possibilidades de empréstimo que vimos nas línguas orais, por causa da diferença de modalidade. Mesmo assim, elas vivem sempre em contato estreito com uma língua oral dominante e podem ser influenciadas em consequência desse contato. O canal mais aberto para a influência da língua oral sobre a língua de sinais é por meio da datilologia e a da "inicialização". Todas as línguas de sinais usam a datilologia como um meio de compensar a

---

<sup>22</sup> Para ver o texto do projeto de lei:

<<http://www.camara.gov.br/aldorebelo/bonifacio/linguaport/novprojeto.htm>>. Para ler comentários sobre o projeto de lei:

<[http://www.adufpbjp.com.br/publica/conceitos/6/art\\_23.PDF](http://www.adufpbjp.com.br/publica/conceitos/6/art_23.PDF)>.

falta de sinais para representar conceitos que já têm nome na língua oral e para representar nomes próprios.

Como vocês já viram, as línguas de sinais também têm mecanismos internos para *modificar* a fonologia de "empréstimos" digitados e assimilar as palavras ao sistema fonológico da língua (vimos os exemplos de SOL e LUA). Mesmo assim, muitos surdos são puristas, e acham que *qualquer* influência de uma língua oral sobre uma língua sinalizada é, por princípio, negativa e torna a língua de sinais menos "pura". O "purismo" da língua de sinais é um tema sempre atual e polêmico. Ser "polêmico" quer dizer que existem fortes argumentos dos dois lados. Você sabe quais são eles (dos *dois* lados)?

#### **4.6 Os caminhos da mudança**

Já falamos de vários tipos de mudança que acontecem nas línguas. Um tipo é a mudança que ocorre, no tempo, quando uma língua se transforma em outra; por exemplo, quando o latim se transformou em italiano, francês, espanhol, português (veja a Unidade 1). Outro tipo é quando uma língua está em contato com outra e começa a pegar vocábulos e sons emprestados da outra língua (veja a Unidade 3). Esses dois tipos de mudança mostram dois *processos* de mudança diferentes nas línguas que vamos estudar agora.

#### **4.7 Mudança de baixo para cima**

O primeiro processo, em que uma língua se transforma em outra, mudando suas estruturas gramaticais e fonológicas, chama-se *mudança de baixo para cima*. Por que esse nome? Porque a mudança começa com *as crianças* que estão adquirindo a língua. Isso é um fenômeno muito curioso!

Todas as novas gerações de crianças aprendem a língua dos seus pais, certo? É assim que a língua passa de geração em geração! Esse processo chama-se *transmissão*. A língua é *transmitida* de geração em geração: sua fonologia, sua sintaxe, sua morfologia, e seu vocabulário.

Mas a transmissão não é perfeita. Na língua dos adultos, há muita coisa que não faz sentido para a criança que está adquirindo a língua, e a criança "erra", mas geralmente esses "erros" são regularizações ou sistematizações da fala dos pais. O pai diz: "*Eu fiz*", mas o filho pequeno diz: "*Eu faz*" (porque é mais regular). Nós vimos isso muito claramente no caso das línguas crioulas. As crianças *criam* uma gramática que os pais não tinham. Isso acontece com crianças *sempre*, não só em casos extremos como no caso da crioulização. As crianças estão sempre tentando produzir uma gramática mais perfeita. E a gramática dos adultos nunca é perfeita; está sempre cheia de exceções!

O que normalmente acontece é que, quando a criança cresce, ela aprende também as exceções dos pais (ela aprende a dizer "*Eu fiz*"), e a gramática dos filhos começa a ser quase igual à gramática dos pais. E é assim que a língua é transmitida de geração em geração.

Mas repare que eu falei *quase* igual. Nunca é 100% igual. Sempre há pequenas diferenças entre a gramática dos pais e a gramática dos filhos.

Podem ser diferenças muito pequenas, como por exemplo: os pais falam uma determinada estrutura só 40% das vezes, e os filhos já falam a mesma estrutura 50% das vezes. Essa diferença não vai ser notada por ninguém, mas ela existe. E depois de muitas gerações, o padrão acaba sendo outro. As mudanças são pequenas, mas são *cumulativas*, e com o tempo são capazes de mudar a gramática da língua.

Mas de que tipo de mudanças "gramaticais" eu estou falando? Para dar um exemplo, enquanto eu escrevo este texto, estou sempre escrevendo sentenças como: "Tem muita exceção na fala dos adultos". E depois eu tenho que "corrigir" essa sentença para dizer, "Há muitas exceções na fala dos adultos". Por quê? Todo mundo fala "tem", mas eu preciso escrever "há". Isso acontece porque a escrita é mais *conservadora* do que a fala. A fala já mudou, mas a escrita ainda não. Antigamente, as pessoas usavam "há" na fala, também, como na escrita. E ainda em Portugal é assim que se fala. Hoje, *no Brasil*, isso mudou. Ninguém mais *fala* "há", nem os adultos! E essa mudança começou com as crianças brasileiras.

Por isso, com o tempo, a língua muda. Nem precisa ter contato com outras línguas para mudar. A língua muda sozinha. Muda porque as crianças são muito criativas quando adquirem sua língua materna. Sempre tentam fazer uma coisa mais sistemática. É por isso que se fala que esse processo de mudança é *interno* à língua.

#### **4.8 Mudança de cima para baixo**

O outro tipo de mudança é o que nós vimos acontecer com os empréstimos lexicais. Esse processo de mudança depende do contato entre línguas diferentes ou dialetos diferentes, e se chama *mudança de cima para baixo*. Isso, porque começa com os *adultos*. São os adultos que têm contato com outros lugares e outras comunidades. Os adultos viajam, fazem negócios com viajantes de outros lugares, e muitas vezes aprendem palavras dessas outras pessoas, ou até acabam aprendendo outras línguas. E como nós vimos nas Unidades 3 e 4, os adultos bilíngües começam a introduzir, na língua, novas palavras, e às vezes novos sons. Esse processo de mudança é *externo* à língua, porque depende de contato com outras variedades.

Essas mudanças são muito diferentes das mudanças internas. Elas não são *sistemáticas*. Não mudam toda a gramática da língua. O mais comum é que acrescentem palavras. As línguas estão sempre recebendo empréstimos de outras línguas e de outros dialetos. Mas agora a questão é: como é que esses empréstimos se espalham numa língua? Como é que eles entram no uso comum?

O mais comum é que essas mudanças entrem num ponto de mais prestígio, como uma grande cidade, ou um *centro de cultura*. São os lugares onde há mais contato com outros povos e outras línguas, por causa do comércio e da política. Desses pontos centrais, as mudanças vão se espalhando, primeiro dentro da grande cidade, e depois nas regiões mais próximas. O processo chama-se *difusão* e também leva tempo. Uma palavra que começa nas colunas sociais de um jornal (ou nas colunas econômicas ou tecnológicas)

pode eventualmente passar para a população da cidade, e depois, com os meios de comunicação, passar para outras regiões, outros países, e até outras línguas.

Veja o quadro comparativo:

<b><i>Mudanças de baixo para cima</i></b>	<b><i>Mudanças de cima para baixo</i></b>
começam com as crianças	começam com os adultos
são em geral <i>inconscientes</i>	são em geral <i>conscientes</i>
têm origem <i>interna</i>	têm origem <i>externa</i>
mudam <i>estruturas</i> da língua...	acrescentam <i>palavras</i> ou <i>sons</i> ...
...que são repassadas por <i>transmissão</i>	...que são repassados por <i>difusão</i>
são <i>sistemáticas</i>	são <i>pontuais</i> e <i>não sistemáticas</i>
resultam em diversidade gramatical e, com tempo, outro sistema lingüístico	resultam em maior diversidade lexical e fonológica

Esses dois processos são ativos o tempo todo, e se interagem. Deles resulta toda a variação que é encontrada nas línguas.

No entanto, só o fato de a língua mudar no tempo não explica a existência e permanência de variações. Se as línguas mudassem *homogeneamente* (ou seja, por igual, por toda parte, ao mesmo tempo, no mesmo ritmo), poderíamos observar mudança no tempo sem ver tanta variação simultânea nas línguas. Mas não é isso o que acontece. Vamos pensar sobre os dois tipos de mudança que estudamos na Unidade 6.

No caso da mudança de baixo para cima, observamos que as mudanças são introduzidas pelas crianças. Os adultos continuam falando como sempre falaram, mas convivem com seus filhos, que falam um pouco diferente. Isso significa que as mudanças introduzidas por cada geração co-existem simultaneamente na sociedade, como variações.

No caso da mudança de cima para baixo, observamos que as mudanças são introduzidas em um lugar específico e se espalham, desse lugar para lugares distantes, por meio de *difusão*. A difusão é, por natureza, lenta. Primeiro, as mudanças passam para os lugares mais próximos; desses lugares próximos passam para lugares um pouco mais distantes, e assim por diante. Dessa forma, em qualquer momento do tempo, vão existir lugares em que a mudança "chegou" e lugares em que a mudança ainda não chegou. No mesmo lugar, vai haver pessoas que já adotaram a mudança (e já usam a nova palavra ou expressão ou variante alofônica) e pessoas que ainda não mudaram a fala, e continuam falando da maneira antiga.

Esse fato, o de co-existirem variações no mesmo lugar e no mesmo tempo, significa que as pessoas sempre têm *opções*. O estudo da variação lingüística é basicamente um estudo sobre o que as pessoas fazem com essas opções, e o valor que essas opções têm para as pessoas e para a sociedade.

## Unidade 5. Variação lingüística

Já vimos alguns exemplos de variação lingüística. Na Unidade 1, vimos que as línguas do mundo variam muito entre si, e que, dentro da "mesma língua", pode haver variedades regionais, chamadas *dialetos*. Na Unidade 2, vimos como todos os falantes de qualquer língua sabem variar sua fala para produzir um *registro simplificado*, quando for necessário. Também vimos, na Unidade 3, dois tipos de variação próprios ao bilingüismo: *interferência* e *alternância de códigos*. Na Unidade 4, estudamos como a mudança lexical introduz variação no léxico de uma língua.

Nesta Unidade, vamos fazer um levantamento dos tipos de variação que são encontrados em qualquer sociedade, em qualquer língua. Na Unidade 6, passamos a analisar mais a fundo o *valor* que essas variações têm para as pessoas na sua vida social. Vamos ver que as variações lingüísticas não existem e não permanecem por acaso. Elas têm *funções* muito importantes para a vida das pessoas na sociedade.

### 5.1 Variações próprias à pessoa

Quando uma pessoa fala, você pode saber muita coisa sobre ela só por meio da sua maneira de falar! Muitas vezes, mesmo sem olhar para a pessoa (no caso de língua oral, claro!), você pode adivinhar de onde ela vem, o sexo, a idade (mais ou menos), a etnia e a classe social, só pela linguagem que usa: as palavras, o sotaque, as expressões, a entoação, as escolhas gramaticais.

Saber de onde uma pessoa vem não é difícil se a pessoa fala um dialeto, ou se fala com um sotaque regional. No Brasil, é fácil identificar quem é da Bahia, quem é do Rio e quem é do sul do país, só pelo jeito de falar.

O sexo (ou "gênero"), é claro, é revelado pela qualidade da voz: mulheres têm vozes mais agudas, homens mais graves. Mas, independente disso, estudos indicam que existem diferenças entre a fala das mulheres e a fala dos homens. Pesquisas mostram, por exemplo, que a linguagem das mulheres tende a ser menos afirmativa, e que os homens tendem a interromper quem está falando mais freqüentemente do que as mulheres.

Já vimos, também, que é comum que gerações mais novas falem um pouco diferente dos seus pais, e mais diferente ainda dos seus avós. Só de ouvir uma pessoa, pelo seu jeito de falar, independente da qualidade de voz (que muda com a idade), é possível adivinhar a qual geração uma pessoa pertence. Pais estão sempre reclamando sobre o jeito de falar dos filhos, e jovens estão sempre "gozando" o jeito de falar dos seus pais.

Em muitos lugares do mundo, dentro da mesma língua, há variedades próprias de etnias diferentes. Essas variedades recebem o nome de *etnoletos*. Um caso muito claro disso é o *inglês vernáculo afro-americano* falado nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, pode-se saber, em muitos casos, se o interlocutor no telefone é afro-americano ou não, só pela fala.

É comum, também, encontrar variedades associadas com determinadas *classes sociais*, principalmente nos grandes centros urbanos. Essas variedades recebem o nome de *socioletos*.

Vimos, então, que a pessoa pode carregar marcas da sua origem, do sexo, da sua idade, da sua etnia e do seu nível social – só pelo seu jeito de falar.

### **5.2 Variações próprias à situação**

Nem toda variação indica *quem* está falando. Muita variação na língua indica o *que* está acontecendo, *onde* está acontecendo, e *qual é a importância social* do que está acontecendo. Ou seja: as *mesmas* pessoas podem falar (e precisam falar) diferentemente em horas e ocasiões diferentes. As pessoas não falam sempre da mesma forma. Elas modificam a maneira de falar de acordo com a *situação*.

A compreensão de como as pessoas mudam seu jeito de falar dependendo das circunstâncias é relativamente recente, e é uma das grandes contribuições da sociolinguística. Sempre se soube desses fatos, mas não eram objetos de pesquisa científica. Como já comentamos na Unidade 1, com Saussure, e depois com Chomsky, a tendência era a de ignorar a variação *interna* da língua em favor de uma noção de homogeneidade sincrônica no grupo social, ou da *competência* perfeita de um falante *ideal*.

A partir dos anos 1960, Dell Hymes lançou a idéia da *competência comunicativa*, como contraponto à competência "lingüística" de Chomsky. Para Hymes, para entender o conhecimento que os falantes nativos têm da sua língua, não basta saber quais são as possíveis estruturas gramaticais da língua. Também é necessário saber *como* e *onde* se deve usar essas estruturas na comunicação. Nem todas as estruturas podem aparecer nos mesmos contextos. Algumas estruturas são muito comuns; outras muito raras. Usar uma estrutura *correta* no lugar *errado* pode ser um erro mais grave para a comunicação do que usar uma estrutura errada! Isso é um grande problema para pessoas que aprendem uma segunda língua. Eles podem aprender as estruturas da segunda língua, e depois usá-las na hora errada.

Nos próximos itens, vamos falar sobre algumas das variações lingüísticas que são próprias de situações específicas.

### **5.3 Jargões**

Um *jargão* é uma linguagem específica para uma determinada atividade. Em geral, um jargão é marcado por muitas palavras "diferentes", palavras que só são entendidas pelo grupo de pessoas que são especialistas naquela atividade. Os médicos falam um *jargão médico* que é difícil para o paciente entender, porque tem muitas palavras técnicas que os pacientes não conhecem; os advogados, procuradores e juizes usam um *jargão jurídico* que também confunde os leigos, os cidadãos comuns, pelo número de palavras técnicas (que muitas vezes expressam conceitos simples); os policiais também, os mecânicos também, e os técnicos de telemática também. *Todas* as profissões têm seu vocabulário próprio. Você viu como a lingüística tem muitos termos

técnicos. Se você e seus colegas começam a falar sobre "significado e significante" e "eixo sintagmático" na frente das suas famílias, eles não vão entender do que vocês estão falando. Mas não precisa ser um cientista para usar jargão. Os surfistas também o usam, e o jargão dos surfistas é diferente do jargão dos skatistas, que também é diferente do jargão dos ciclistas, dos montanhistas e dos mergulhadores. Todos falam o português, mas cada grupo tem seu jargão, da mesma forma que todos têm suas comunidades, seus clubes e seus eventos esportivos e sociais.

Veja a seguinte conversa familiar:

**Técnico:** Aparentemente não há explicação para seu problema. Para solucionar o problema de acesso, apague os cookies do seu browser.

**Usuário:** Um problema: o que é cookies do browser? Para quem é do ramo é fácil, mas para quem é usuário não é fácil entender esses termos em inglês!

A explicação do técnico estava perfeita, só que não foi compreendida. O usuário explicou bem a dificuldade: para quem é do ramo, *cookies* e *browser* são palavras comuns, são palavras de todo dia, fazem parte do jargão. É um fato que "cookies" e "browser" são anglicismos, mas não é só por isso que não foram compreendidos. O problema maior é que fazem parte do jargão específico dos técnicos da Web, que pessoas não-especialistas não conhecem. Não precisa ser um estrangeirismo para não ser compreendido! Jargões estão cheios de palavras tipicamente portuguesas, também.

Por exemplo, "significante", "iconicidade" e "alofone" fazem parte do vocabulário específico da lingüística. São palavras da língua portuguesa, mas só quem estuda lingüística vai entender (e precisa entender) o significado delas dentro da lingüística.

#### **5.4 Gêneros textuais**

Todos nós sabemos o que é uma receita, mesmo aqueles que não sabem cozinhar. Todos sabemos o que é uma piada, mesmo aqueles que não sabem contar uma! E todos sabemos o que é um manual de instruções para o nosso aparelho de DVD, mesmo aqueles que nunca abriram um para ler. Esses são tipos de textos diferentes, e cada um requer uma forma de linguagem própria e um formato próprio. O termo técnico para essas formas diferentes de texto é *gênero*.<sup>23</sup>

Na disciplina Introdução aos Estudos Literários, vocês estudaram vários *gêneros literários*: a *crônica*, o *poema*, o *conto*, o *romance*. Cada um desses tipos de texto tem características próprias e uma longa história. Cada um também pode ter variedades, como a *crônica epistolar* ou o *poema satírico*. Todos são tipos de texto baseados na *escrita*, e são considerados formas *artísticas*. Qualquer pessoa interessada na literatura vai ter que aprender as

---

<sup>23</sup> "Gênero" é *ambíguo* entre dois sentidos, um que se refere a sexo, e o outro que se refere a tipos de texto. Normalmente podemos saber o sentido pelo contexto, mas se não, para ser mais específicos, podemos dizer "gênero textual".

características próprias de cada gênero, e cada autor que quer ser publicado provavelmente vai ter que escrever dentro de um gênero já estabelecido.

Se sairmos da literatura, vamos ver que existem muitos outros gêneros de textos escritos. Já falei de dois: receitas e manuais técnicos. Aqui vão mais alguns exemplos: textos sagrados, leis, contratos, artigos científicos, livros de filosofia e história, livros texto, relatórios, reportagens, editoriais, resenhas, obituários, classificados, boletins de ocorrência, cartas comerciais, cartas pessoais, cartões de aniversário, convites, letras de músicas, roteiros de filmes, menus, blogs. Todos têm características próprias. Todos têm um jeito específico para começar e terminar. Todos requerem uma linguagem própria; alguns requerem até que sejam escritos com jargão (como é o caso das leis, dos artigos científicos e dos boletins de ocorrência, só para dar alguns exemplos). De quantos outros gêneros escritos você consegue se lembrar?

Para ter uma idéia melhor do que são gêneros (ou *subgêneros*), pense em gêneros de filmes: terror, romance, comédia, suspense, aventura, policial, drama, faroeste, ficção científica, etc. Quando você vai ver um filme policial, você espera ver certos tipos de personagem, um certo tipo de enredo, e um certo tipo de conclusão.

### **5.5 Gêneros de fala**

A língua oral (e sinalizada) também tem gêneros. Já mencionei um: a piada. Uma piada pode ser escrita, mas geralmente quando é lida não tem graça nenhuma. "Piada" é um gênero próprio da língua face-a-face. Uma piada é parecida com uma narrativa, mas é diferente: é uma pequena narrativa que tem o objetivo de provocar o riso, e para isso requer uma forma específica, um jeito próprio de ser contada, e – principalmente – o momento e a situação perfeitos para ser maximamente engraçada. Outros gêneros orais são: preces, sermões, canto de torcida, palestras, discursos de campanha.

Mas o mais comum de todos os gêneros da língua face-a-face é a *conversação*.

Se você não acredita que conversação seja um *gênero*, faça uma experiência. Quando você estiver conversando com alguém e estiver querendo terminar a conversa, faça assim: simplesmente pare de conversar, vire as costas, e vá embora, sem dizer "tchau". Não diga nada, nem que tem que fazer outra coisa ou ir a outro lugar. O assunto da conversa já acabou, não foi? Então qual é o problema? Por que você não pode parar de conversar e ir embora, sem dar satisfação? Por que tem que ficar fazendo rodeios para terminar? É porque a conversação é um gênero que tem começo, meio e fim. Ela tem regras, e se você violar as regras, vai assustar seu interlocutor, que certamente vai achar você muito rude ou, no mínimo, esquisito!

Ou, se ainda não acreditar que a conversação é um gênero, pense em outro gênero da língua face-a-face, a *entrevista*. Uma entrevista é parecida com a conversação, mas é diferente. Numa entrevista, uma pessoa faz perguntas e a outra responde. Não é assim numa conversação. Às vezes, numa conversa, seu interlocutor pode estar muito curioso para saber alguma coisa e ficar

insistindo, fazendo mil perguntas. Aí, você pergunta: "O que é isso, uma *entrevista*?!" Você achou que era uma conversa, mas seu interlocutor estava agindo diferentemente, como se fosse uma entrevista. Ele estava violando as regras de uma conversa.

## 5.6 Registro

Já falamos na Unidade 2 sobre "registros simplificados". Agora vamos falar de registros que não são simplificados e que são chamados simplesmente "registros". Eles marcam o *nível de formalidade* da nossa fala.

Toda língua tem recursos que permitem que os falantes sejam mais *formais* quando falam, ou mais *informais*. Esses recursos podem incluir: vocabulário, estruturas gramaticais, morfologia, pronúncia, entoação, e o volume e a velocidade da fala ou da sinalização. As variações de registro permeiam e cruzam todas as outras variações de língua que já vimos. Independentemente do dialeto que uma pessoa fala, ela vai poder ser mais ou menos informal, de acordo com a situação. Independente de um falante ser homem ou mulher, jovem ou idoso, da classe trabalhadora ou da classe empresarial, ele (ou ela) vai poder variar sua fala de acordo com a formalidade ou informalidade da situação.

Alguns gêneros são, por natureza, mais formais do que outros. Por exemplo, uma carta comercial é mais formal do que uma carta pessoal; um relatório de pesquisa é mais formal do que um artigo de revista; uma entrevista é mais formal do que uma conversa. Nesses casos, o registro *faz parte* das características do gênero, da mesma forma que o jargão também pode. Mesmo assim, um artigo de revista pode ser mais formal ou menos formal, dependendo do seu objetivo; uma carta comercial pode ser mais formal ou mais informal; uma conversa ou uma entrevista pode ser mais formal ou mais informal.

Provavelmente, uma conversa com seu melhor amigo vai ser *bem* informal, com poucas restrições sobre os tópicos ou o vocabulário que vocês usam, com uma gramática menos "correta" e uma pronúncia mais "relaxada". Por outro lado, uma conversa com seu chefe vai sempre ser mais formal, e você vai prestar mais atenção à gramática, à pronúncia e à escolha das palavras, para não dar nenhuma "escorregada". Quando você sai, na sexta feira, para tomar um chope com seu chefe e seus colegas de trabalho, claro, a conversa vai ser um pouco mais informal, mas nunca *tão* informal quanto uma conversa entre amigos íntimos (pelo menos é assim que você espera!).

Um sermão é um gênero basicamente formal, mas ele pode ter momentos mais informais, mais íntimos, e outros momentos mais formais, mais estruturados, em que o padre ou o pastor usa um vocabulário específico e até uma voz (ou sinalização) diferente, mais distante e mais solene.

A melhor maneira de conceber o registro é como uma *escala* que varia continuamente do mais informal para o mais formal. As pessoas dominam

essa escala (ou um bom pedaço dela) e conseguem deslizar para um estilo mais ou menos formal, conforme as demandas da situação.



Aprender a usar o registro certo para cada situação faz parte de aprender a usar bem a língua. Quando a criança chega pela primeira vez à escola, ela usa os registros informais da família e das conversas com seus amigos da vizinhança. Na escola, ela vai ter que aprender um registro mais formal, um registro *escolar*. Vai precisar expandir seu comando da língua para poder usar outras palavras e outras estruturas gramaticais que fazem parte do registro escolar (e também vai ter que aprender a falar mais baixo, a falar mais devagar, a pedir sua vez para falar, e outros comportamentos que fazem parte do convívio escolar).

A escola serve para aumentar o alcance dos registros de uma pessoa, acrescentando novos registros próprios a novos usos da língua, principalmente os usos em gêneros escritos.

Infelizmente, ao invés de só acrescentar novos registros, a escola também *desencoraja* os alunos a usar e manter seus registros mais informais! Pior que isso, muitas vezes a escola tenta convencer os alunos de que os falares nativos da sua família e da sua vizinhança são *errados* ou *feios*. A escola não está errada ao ensinar os registros mais formais do português, mas está errada quando deixa os alunos com vergonha de usar os registros familiares. Os dois "jeitos de falar" podem conviver perfeitamente bem juntos, da mesma forma que duas línguas convivem juntas numa pessoa bilíngüe. Saber usar um maior número de registros significa maior *riqueza* lingüística, e não maior *pobreza*.

### 5.7 Diglossia

Um caso de registro levado ao extremo é o caso da *diglossia*. "Diglossia" é o termo técnico para uma situação em que, na mesma sociedade, existem duas variedades lingüísticas bem diferentes, uma para usos mais formais e a outra para usos mais informais. A primeira variedade mais formal é chamada "H", ou "variedade alta", e a mais informal "L", ou variedade baixa.<sup>24</sup> A variedade alta é sempre uma variedade literária, tipicamente clássica, e costuma ser aprendida nas escolas e não em casa. A variedade baixa, em geral, não tem escrita, nem reconhecimento oficial. É a língua aprendida e falada em casa, no mercado e entre amigos.

Um exemplo clássico de diglossia é a China antes do século XX. A língua escrita, aprendida às duras penas na escola (que era para poucos), era a língua clássica da literatura, da burocracia e da vida pública. Como a língua escrita é mais conservadora e muda mais lentamente que a língua oral, as variedades chinesas faladas (e que não eram escritas) mudaram através do

---

<sup>24</sup> "H" vem do inglês "*high prestige*" (prestígio alto) e "L" do inglês "*low prestige*" (prestígio baixo), como vocês viram na disciplina Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas.

tempo e ficaram muito distantes da língua escrita, o que dificultava mais o ensino e aprendizagem da escrita. A partir dos anos 20 do século XX, a língua padrão para a escrita deixou de ser a língua literária clássica e passou a ser o mandarim, o dialeto falado em Pequim. Com essa mudança, ficou mais fácil para as pessoas aprenderem a ler e escrever, mas o sistema de diglossia continuou, com as pessoas falando seu dialeto regional em casa e na rua e aprendendo a falar e escrever o mandarim padrão na escola.

Uma situação semelhante é encontrada nos países de língua árabe. A variedade escrita foi padronizada no século VIII, baseada no texto sagrado do Alcorão, e tem se mantido relativamente estável desde então. É a língua literária para todo o mundo árabe. A língua falada é outra coisa. A língua oral nunca foi prestigiada ou ensinada nas escolas. Ela se desenvolveu de maneira diferente em cada local, formando diferentes dialetos do árabe. Os dialetos falados no Egito, no Marrocos, no Líbano e no Iraque são muito diferentes, mas todo mundo que vai para a escola aprende também a falar e escrever o árabe moderno padrão, que até hoje continua muito próximo ao árabe clássico e que serve como língua franca para todos os povos árabes.

O mesmo conceito de diglossia pode também ser aplicado a situações semelhantes, em que duas *línguas diferentes* são usadas para as duas funções, alta e baixa. Essas situações chamam-se *diglossia com bilingüismo*, e já vimos dois exemplos neste curso. O primeiro exemplo foi o uso do francês normando na Inglaterra, durante os 300 anos após a conquista de Guilherme, no século XI. O francês era a língua do governo e da igreja, e qualquer pessoa nativa de língua inglesa que queria participar da vida "oficial" do país tinha que aprender o francês. Um exemplo contemporâneo é o caso do espanhol e o guarani no Paraguai, que já estudamos. Nesse caso, o espanhol serve para as funções públicas da escola, do governo e da alta cultura, e o guarani serve para as funções familiares e comunitárias.

Deve-se ter em mente que, mesmo nos casos de diglossia, cada variedade ou cada língua usada como variedade alta ou baixa mantém muita *variação interna*, o que possibilita a mudança de registro *dentro* da variedade. Ou seja, usando a variedade alta (ou a variedade baixa), a pessoa pode ser mais ou menos formal, de acordo com a situação específica.

### **5.8 Repertório verbal**

Já foi sugerido que a relação da comunidade surda com a língua escrita majoritária seja comparável a uma situação de diglossia em que (no caso do Brasil) a libras serve de variedade baixa e a língua portuguesa escrita serve de variedade alta. Vamos ver por que essa descrição não é muito útil e vamos compará-la com outra descrição que possa servir melhor, não só para essa situação, como também para outros casos de diglossia complexa.

A primeira coisa que se pode notar é que a língua de sinais não é a língua da família da maioria dos surdos, diferente do que acontece com uma variedade baixa numa situação típica de diglossia. A pessoa surda numa família de ouvintes tem que desenvolver outros meios de comunicação com a família, às vezes por meio de um código simplificado de sinais caseiros, com algumas

palavras do português. A língua de sinais, nesses casos, só vai assumir importância na vida da pessoa surda quando ela entrar em contato com a comunidade surda. A partir desse momento, a língua de sinais começa a se estabelecer como a língua do pólo da convivência informal e da expressão íntima.

A escola, por sua vez, deve ter por objetivo expandir o uso do português dos seus alunos (no caso do Brasil), especificamente o uso de gêneros escritos e de fala mais formal; mas, diferentemente de uma situação de diglossia típica, o surdo brasileiro não aprende, em geral, nem na família, nem na escola, o português falado. Por esse motivo, o português aprendido na escola não fornece todos os recursos lingüísticos necessários para colocar a pessoa surda em pleno funcionamento dentro da sociedade majoritária. Para que isso aconteça, a libras precisa assumir também um papel de mediador com o pólo público e formal, tanto na escola (com a educação bilíngüe) quanto na sociedade (com o crescimento do bilingüismo em português e libras por parte de ouvintes).

Essa situação do caso da comunidade surda não é atípica. De fato, são poucas as situações no mundo contemporâneo que podem ser descritas adequadamente pelo modelo de diglossia.

Podemos rever os casos do Paraguai e dos países árabes, que já vimos. No Paraguai, o guarani já é reconhecido como língua oficial do país e é usado e ensinado na escola, o que distancia a situação do caso típico de diglossia, em que a variedade baixa não recebe nenhum apoio oficial.

Nos países árabes, os dialetos regionais estão aparecendo maciçamente nos meios de comunicação – no rádio, na televisão e no cinema – como língua falada, mesmo em situações de mais formalidade, como entrevistas com líderes políticos. Isso começa a dar mais prestígio ao dialeto. Observa-se alternância de códigos e empréstimos entre o árabe padrão moderno e os padrões dos dialetos regionais, e influência mútua entre alguns dos dialetos regionais. E além dessas opções, as pessoas ainda têm outras opções de uso para situações específicas: dialetos comunitários e línguas estrangeiras (principalmente o francês e o inglês).

Para descrever essas e outras situações complexas, é mais útil pensar que cada pessoa domina um *repertório verbal*, que inclui línguas padrão escritas, variedades não-padrão (regionais ou étnicas, por exemplo), gêneros textuais, gêneros de fala, registros, jargões e línguas estrangeiras, que ela pode usar conforme a necessidade. Muitos elementos do repertório verbal de uma pessoa estão disponíveis na sociedade à sua volta, mas também é possível buscar elementos fora, por meio de viagens, estudo de línguas estrangeiras e comunicação com comunidades profissionais em outras partes do mundo.

É fácil observar, na comunidade surda, uma grande variedade de repertórios verbais entre os membros da comunidade, com alguns surdos muito proficientes em libras mas com pouca proficiência em português; outros pouco proficientes em libras mas bem oralizados; outros proficientes em mais de uma língua de sinais; outros bons leitores de português e inglês; outros proficientes

nos registros simplificados, o que os fazem bom intérpretes para surdos não sinalizados e não oralizados.

A comunidade surda é bem servida pela grande diversidade interna de repertórios verbais. A capacidade de lidar com uma grande variedade lingüística pode ser uma das razões que explicam o fato de que surdos de diferentes países conseguem se comunicar com relativa facilidade.

Essa diversidade dentro da comunidade é cultivada ou é criticada? A tendência atualmente na comunidade surda brasileira é a de que essa diversidade aumente ou de que diminua? O que é mais valorizado hoje, a diversidade, ou a padronização (e a "pureza") da libras? É possível atingir maior padronização da libras no Brasil sem criar um clima em que a diversidade nos repertórios verbais das pessoas seja mal-vista?

## Unidade 6. Os valores da variação

### 6.1 A variação e as crenças populares

Até agora, vimos vários tipos de mudança e de variação nas línguas, e pensamos em algumas hipóteses para explicar sua origem. Muitos desses fenômenos variacionais são observados há muito tempo e são objetos de comentário popular. Todo mudo sabe que as línguas variam entre si, que dentro de uma mesma língua há variação regional, que novas palavras aparecem e desaparecem e que um menu não é um poema.

Dessa forma, muitos fenômenos da variação que estudamos são objetos de "teorias populares". Quando chamamos as crenças populares "teorias", não queremos dizer que são científicas. Ao contrário, é comum que a opinião pública seja enviesada (tendenciosa) e preconceituosa.

Variações regionais, na imaginação popular, não são apenas "fatos"; são fatos a serem comentados; são freqüentemente motivos de piada, de gozação e de paródia. Os jovens tiram sarro das expressões arcaicas dos avós, e os avós reclamam dos neologismos e das gírias dos seus netos. Há mil piadas sobre como as mulheres falam sem parar, enquanto seus maridos se calam. As escolas pregam para seus alunos que eles precisam "falar corretamente" para serem bem sucedidos na vida. Surdos politizados debatem calorosamente sobre a "pureza" da sua língua de sinais.

Essas são todas manifestações de crenças populares.

Essas crenças podem não ser baseadas em fatos lingüísticos, podem ser erradas e cheias de preconceito, mas, por si só, elas são fatos sociais. As atitudes que as pessoas têm, consciente ou inconscientemente, em relação à língua, é que determinam muitos dos fatos sociolingüísticos.

Só para dar um exemplo: se as pessoas em geral, e os professores em particular, acreditam que falar e escrever "corretamente" (de acordo com a suposta "norma culta", ou variedade padrão) é necessário para que a pessoa tenha sucesso na vida, qual vai ser o resultado? Na escola, os alunos que falam e escrevem "corretamente" vão ser mais bem sucedidos, vão receber notas mais altas, porque eles satisfazem as expectativas dos professores. Na vida, quando vão procurar emprego, vão ser mais bem sucedidos, vão receber os empregos melhores, porque vão satisfazer as expectativas dos seus chefes.

As crenças – as "teorias populares" sobre o que é importante na língua – criam um clima social em que essas coisas são importantes. Esse é um exemplo perfeito de uma "profecia auto-realizável". As pessoas imaginam que "falar e escrever corretamente" seja necessário para o sucesso. E elas *têm razão*. Mas por quê? Não porque as pessoas que "falam e escrevem corretamente" têm idéias melhores ou trabalham mais ou pensam melhor ou são mais criativas. Mas porque é *assim que as pessoas esperam* que seja. Quem satisfaz a expectativa das outras pessoas ganha as vantagens; quem não se enquadra no padrão fica para trás.

## 6.2 A variação e os estereótipos

Um dos fatos sociolinguísticos mais bem estabelecidos é que as pessoas julgam as qualidades *personais* de outras pessoas baseadas em sua pronúncia, seu sotaque. Desde os anos de 1970, muitas pesquisas têm sido feitas mostrando isso.

Como é que essas pesquisas são feitas? A idéia é a de ver o efeito do *sotaque*, que inclui a pronúncia e a entoação sobre a impressão que o falante cria nos seus interlocutores. Por isso, é necessário eliminar diferenças de vocabulário e de estruturas gramaticais. Para isso, é necessário que todos os falantes repitam o *mesmo* texto. As gravações do texto são feitas e depois tocadas para informantes, que devem marcar num papel, para cada gravação, suas impressões sobre o tipo de pessoa que estava falando. Os informantes escolhem as palavras que melhor descrevem a pessoa, ou indicam características (como o grau de "honestidade") numa escala.

Os resultados são muito claros: pessoas que falam com sotaques da variedade considerada "padrão", típica dos centros urbanos, são consideradas mais competentes, autoconfiantes, bem informadas, inteligentes, lógicas, justas, felizes, aplicadas, ambiciosas e até *mais bonitas* do que as pessoas que falam com sotaques regionais. E não é porque elas expressam idéias melhores; é só porque elas têm um certo sotaque.

Isso é verdade mesmo quando são *as mesmas pessoas* que estão falando com os dois sotaques. Por exemplo, uma pessoa fala primeiro de um jeito e depois de outro (porque sabe falar as duas variedades). A primeira vez, quando ela fala na variedade padrão, ela é julgada mais inteligente; quando ela fala na variedade regional, é considerada menos inteligente. A mesma pessoa. Será que a pessoa ficou menos inteligente quando mudou de sotaque? Claro que não! Mas a impressão que causa nas outras pessoas é essa.

E o mais curioso é que informantes que usam a variedade não-padrão *também* fazem esses mesmos julgamentos! Eles tendem a julgar falantes da variante padrão de forma mais positiva, mesmo que não seja como eles próprios falam entre si. Os estereótipos associados com as variedades são muito fortes.

Mas existe um outro lado desse fenômeno que é muito interessante. As pesquisas também mostram que falantes de variedades regionais são julgadas – por pessoas nativas das mesmas variedades – mais positivamente nas escalas de *integridade pessoal* (sinceridade, confiança, generosidade) e de *sociabilidade* (simpatia, calor humano, humor, boa disposição).

Repare como os valores atribuídos aos falantes da variedade padrão têm mais a ver com as qualidades associadas com a *competência* e com o *sucesso*, enquanto os valores atribuídos aos falantes da variedade regional têm mais a ver com as qualidades associadas com a convivência. As pessoas admiram a competência e o sucesso, mas as pessoas competentes e bem-sucedidas não são necessariamente as pessoas com quem você prefere passar suas horas de lazer, e de quem você acha que pode ser mais íntimo.

### 6.3 A variação vista sob o microscópio

Até agora falamos de variações que são "visíveis ao olho nu", ou seja, capazes de ser notadas por qualquer falante e que até são freqüentemente objetos de comentário e avaliação popular. Vamos ver agora que essas observações são apenas a ponta do iceberg da história das variações lingüísticas.

A partir dos anos 1960, o lingüista William Labov começou a mostrar outros fenômenos de variação que até então tinham passados *despercebidos*. Nunca é demais ressaltar a importância dessas pesquisas. A partir das pesquisas de Labov, foi possível começar a entender que a variação lingüística tem uma função fundamental na formação de grupos e de identidades, *sem ninguém ter consciência disso*.

Como é que Labov conseguiu descobrir esses outros níveis de variação? Como falei no começo da disciplina, a sociolingüística depende da tecnologia de gravação (e de transcrição). Antes de existirem gravadores de som (e hoje de vídeo), o estudo da variação era limitado às variantes que já estavam na consciência das pessoas, que elas já comentavam. Por que isso? Porque, curiosamente, as pessoas (nem os lingüistas, antes de terem um treino muito especial) *ouvem* (ou vêem) *o que eles esperam ouvir* (ou ver). O cérebro não é um gravador. A percepção é muito seletiva, e a memória é limitada. Com o gravador, é possível descobrir detalhes da fala espontânea que não tinham sido percebidos antes.

Labov começou a gravar pessoas de diferentes classes sociais em diferentes situações de interação, e depois transcrever as gravações e estudar os *detalhes* da produção (a *performance*). Com o uso de técnicas estatísticas, ele pôde mostrar que a variação na fala das pessoas não é caótica.

Vamos ver um exemplo. Na cidade de Nova York, existe uma característica na pronúncia que não faz parte do inglês americano padrão. Em certas circunstâncias, os nova-iorquinos, ao invés de falar [kar] "car" (carro), vão falar [ka], sem o "r" final.

Labov descobriu que a pronúncia do "r" variava de acordo com a classe social (as classes mais baixas falavam menos "r" e as classes mais altas falavam mais "r"). Isso mostra que as classes de mais prestígio – mais dinheiro e mais escolaridade – tendiam a aproximar a sua fala da fala do inglês americano padrão. Mas em Nova York, isso não é toda a história. Em outras cidades, o mesmo fenômeno pode ser só uma questão de classe (ou etnia). Em Nova York, não.

Labov gravava as mesmas pessoas usando a língua em diferentes situações: contando um caso pessoal, respondendo perguntas numa entrevista, lendo um texto escrito, e lendo listas de palavras. Como você pode ver, as atividades variavam numa escala das mais espontâneas às mais artificiais e "formais". E qual foi o resultado?

As mesmas pessoas também variavam seu uso do "r" dependendo da situação de fala, *independente* da classe social. Quando a pessoa sentia que a atenção tinha que ser focada *na língua* (na leitura e nas listas, por exemplo), ela

pronunciava mais o "r". Quando a fala era mais espontânea e focada na comunicação (durante a narrativa e a entrevista), pronunciava menos o "r". Tudo isso sem a menor consciência de que estava variando a sua fala.

Isso significa que uma pessoa podia acreditar que pronunciava a palavra *car* "corretamente": [kar], quando na verdade, sem saber, em muitas situações de comunicação descontraída, pronunciava [ka]. E ninguém ia perceber, porque todo mundo fazia a mesma coisa naquela comunidade lingüística.

#### **6.4 A mudança lingüística na contra-mão**

Em várias ocasiões, falamos sobre o "poder" das variedades de mais prestígio. Quando os jovens, principalmente, percebem que uma língua ou uma variedade tem mais prestígio, eles podem preferir falar aquela língua ou variedade e deixar de falar a dos seus pais. Isso pode causar a morte de uma língua ou o desaparecimento de uma variedade, como já vimos.

Mas isso nem sempre acontece. Em Nova York, vimos que as pessoas costumam não pronunciar o "r" (quando não precisam falar com cuidado) mesmo acreditando que o "correto" é pronunciar-lo. Essa situação tem se mantido estável por muito tempo. Se o inglês americano padrão tem tanto "poder", porque os nova-iorquinos continuam falando uma variedade não-padrão? Eles têm contato direto, diário, com o inglês padrão. Não é por falta de contato que eles não mudam.

Ou melhor, por que os afro-americanos continuam falando o etnoleto inglês vernáculo afro-americano? Se seu jeito de falar é estigmatizado (e eles sabem disso!), e se eles têm contato direto com o inglês padrão, porque eles não adquirem o inglês padrão, para ter todas as vantagens que isso supostamente vai trazer? É isso que as escolas pregam, mas não "pega". Por quê?

Labov nos deu uma luz sobre essa questão. Ele estudou uma comunidade numa ilha no atlântico, no estado de Massachusetts, chamada Martha's Vineyard. É uma ilha que vivia em relativo isolamento da "civilização" do continente. Na fala da ilha, existia uma variação na pronúncia de duas vogais do inglês padrão: /aw/ e /ay/ (que, no português, são as vogais de "pau" e "pai"). Algumas pessoas nativas da ilha, em especial os pescadores, usavam uma pronúncia um pouco diferente (que seria próxima, no português, da pronúncia de "pâu" e "pâi" – se essas palavras existissem, claro!).

Quando a ilha começou a ser "invadida" por turistas e os ricos começaram a construir casas de verão para suas férias, a população local sentiu que sua vida tradicional estava ameaçada. Essa reação acabou sendo refletida no seu jeito de falar! Os jovens que se identificavam mais com o local e que se ressentiam mais da "invasão" começaram (inconscientemente) a imitar o jeito diferente de falar dos pescadores, que eram muito respeitados na ilha e que representavam a vida tradicional. Essa diferença de pronúncia, por menor que fosse, marcava-os como "nativos" e diferentes dos "invasores" que, obviamente, falavam o inglês padrão. Com o tempo, o jeito de falar de um grupo de pescadores acabou se espalhando para todos os habitantes da ilha

que tinham orgulho de ser "da ilha" e não "de fora". Eles tinham uma identidade para estabelecer, e usavam uma diferença lingüística para marcá-la.

Uma coisa semelhante foi constatada nas comunidades afro-americanas nos Estados Unidos. Pela regra do "mais forte", o inglês vernáculo afro-americano deveria, com o tempo, a cada geração, ficar mais próximo do inglês padrão. Mas o que acontece é o contrário! Nas últimas décadas as pesquisas sociolingüísticas mostram que o inglês vernáculo afro-americano está ficando *mais diferente* do inglês majoritário. E isso *apesar* de as duas variedades estarem em contato constante! A explicação que é dada é que os jovens afro-americanos querem marcar sua solidariedade com a comunidade afro-americana, e que uma boa maneira de fazer isso é por meio da língua.

### **6.5 A variação, a solidariedade e a identidade**

Nos exemplos acima, podemos ver o poder da variação lingüística de *marcar uma identidade*. Essa identidade pode ser de um local, um gênero, uma etnia, ou qualquer outro grupo social.

Vista sob essa perspectiva, podemos entender que *prestígio* e *poder econômico e político* não são os únicos valores para os grupos e os indivíduos. Por isso, é impossível que o domínio de uma língua ou uma variedade sobre as outras seja total. Os grupos e os indivíduos têm a forte necessidade de estabelecer suas identidades independentemente do poder central, da lei, da norma social, da escola e das outras instituições. Uma excelente maneira de fazer isso é por meio da língua que eles usam.

Apesar dos esforços da escola e da sociedade de convencer as pessoas do valor de se usar a variedade padrão (para evitar o estigma e conseguir um emprego melhor, por exemplo), as pessoas continuam optando por usar variedades alternativas, gírias e jargões que anunciam para o mundo: "Eu sou deste grupo aqui!"

Com isso em mente, podemos rever as variedades que estudamos na Unidade 5. Se eu sou de uma região ou de uma classe social ou de uma etnia que fala um dialeto (ou socioleto ou etnoleto) estigmatizado e vou para a escola onde a variedade padrão é ensinada, não é só por causa dos valores pregados pela escola que eu vou me identificar com essa nova variedade a ponto de querer aprendê-la. Posso ter motivos mais fortes para não perder as ligações afetivas e culturais que me sustentam no meu grupo de origem. Para não perder minha identidade, posso até exagerar as diferenças, para deixar claro para o mundo que eu não pretendo jogar pelas regras oficiais, que tenho outras lealdades e outros compromissos.

Por essa visão, percebemos que as pessoas não são *vítimas* da sua origem – porque não conseguem se livrar dela – e nem são vítimas de um sistema que tem o poder absoluto de mudá-las. Elas podem optar *com qual grupo* elas preferem mostrar solidariedade. Pode ser mais importante para as pessoas sentir parte de um grupo minoritário (e ser *alguém* nesse grupo) do que tentar ser parte de um grupo majoritário (e sentir que, neste, não é ninguém).

O ideal, talvez, fosse que o aluno percebesse que a variedade majoritária da escola nada mais é do que mais uma opção, que traz para ele mais liberdade. Com o domínio da variedade padrão, ele pode usá-la quando for mais conveniente, sem perder o uso do seu dialeto quando sentir necessidade de identificar com seu grupo de origem.

Ou seja, as pessoas podem usar as variedades nos seus repertórios verbais para marcar identidades diferentes em situações diferentes, como também para estabelecer a natureza das suas interações com outras pessoas. Variando o jeito de falar podemos comunicar, "Eu sei jogar pelas regras; sou um de vocês" ou podemos comunicar, "Não sou um de vocês e não jogo por suas regras!"

As instituições do poder central costumam preferir que todo mundo jogue pelas mesmas regras (as *delas*, obviamente!) e por isso tentam controlar o comportamento das pessoas, inclusive o comportamento lingüístico. Mas como já vimos, é difícil que o controle sobre os usos que as pessoas fazem da língua seja total. A variação que sempre existe em qualquer língua permite que seus falantes possam exercer uma certa liberdade para definir quem são e a quais grupos pertencem.

## Referências Bibliográficas

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Parábola Editorial, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas lingüísticas**. Parábola Editorial, 2007.

FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. Parábola Editorial, 2001.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tania. **Falares crioulos: línguas em contato**. Editora Ática, 1987.